



JAN VAL ELLAM



INQUISIÇÃO FILOSÓFICA

CONECTAR EDITORA





Sumário

[Apresentação](#)

[Prefácio](#)

[1 - 2007: O ano que não acabou](#)

[2- Estupefação](#)

[3 - O Comandante Comandado](#)

[4 - Recanto de Paz](#)

[5 - “Eu sou o que Sou”](#)

[6 - A Criação Problemática](#)

[7 - A Doença de um Ser Criador](#)

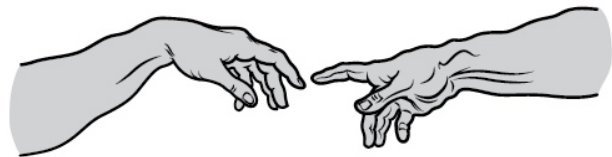
[8 - O Mais Estranho dos Efeitos](#)

[9 - Desencontro Intelectual](#)

[10 - Brahma, Vishnu e Shiva: Encontro Inesperado.](#)

INQUISICAO FILOSOFICA
JAN VAL ELLAM

CONECTAR EDITORA



APRESENTAÇÃO

Somente o tempo poderá dizer da relevância deste livro.

Inusitado em todas as suas páginas, as vozes de Brahma/Javé, Vishnu e Shiva voltam a ser fazer presentes no contexto do mundo, ao mesmo tempo em que procuram atualizar o estado das suas mentes para os tempos atuais.

Prováveis parceiros de um problema que resultou na criação deste universo e mais recentemente presos nas suas moradas desde o ano de 2012, tanto poder mental e tecnológico ainda têm que fazem com que estas se desloquem e se acoplem à realidade mais densa da faixa universal em que vivemos, retomando um contato perdido com esta humanidade desde há muitos milênios.

São painéis do que estava oculto que agora se revelam com cores adultas onde o aspecto infantil da fé condicionada já não encontra lugar.

É leitura para os que buscam aspectos de uma verdade perdida cujas cores ainda podem assombrar, mas tão somente àqueles que ainda não abriram os olhos para o descondicionamento que os desafios do presente convidam.

PREFÁCIO

Corria o dia 25 de junho de 2008. Encontrava-me a bordo de um avião da TAP, retornando de Lisboa, e quando eu assistia ao filme “*A Bússola de Ouro*”, de Philip Pullman, pude perceber, ao meu lado, uma espécie de “delegação espiritual cósmica”, formada por entidades de diversos naipes. Pensei comigo mesmo sobre o que seria mais espantoso: o roteiro da “deliciosa” ficção a que eu estava prazerosamente assistindo ou o conjunto de eventos singulares que se faziam presentes, “sem pedir licença”, perante a minha desavisada percepção.

Percebendo o meu desalento em ter que tratar dos assuntos relativos a uma suposta parceria, sempre ressaltada, entre aqueles seres e a minha condição de encarnado – o que não mais aceitava – os mesmos permaneceram vibrantes ao meu redor enquanto aguardavam, pacientemente, que a minha atenção se desviasse do filme, que já se aproximava do seu final.

Sem dispor do tempo pretendido para refletir sobre a singular relação entre as almas de animais e seus correspondentes encarnados, conforme propunha o roteiro do filme, perguntava-me, com a dose de humor que me era possível arquitetar, que tipo de forma deveria ter o meu “gênio” para me “libertar da influência e da perseguição” daqueles seres.

Afinal, eles tinham conhecimento – pelo menos assim eu imaginava – que não havia, de minha parte, a menor vontade de levar adiante qualquer obra literária enquanto algumas dúvidas angustiantes, que me marcavam o psiquismo terreno, não pudessem ser esclarecidas. Indiferentes a isto e a tudo mais o que me dissesse respeito, alguém dentre eles desfraldou uma espécie de pergaminho onde se fazia visível, aos meus olhos, uma estranha assinatura, aposta sobre um texto composto, salvo engano, pelo que seriam por mim considerados três parágrafos.

De modo instantâneo escutei na intimidade do meu cérebro uma voz impessoal a me afirmar que aquilo seria o meu compromisso espiritual assumido com as hostes de uma entidade tida por eles como uma “espécie de Deus local” deste universo – ou algo que a isto se assemelhe – e que já me encontrava bastante atrasado no cumprimento do mesmo.

Sorri comigo mesmo, imaginando, em “cores mais fortes” ainda, o “meu gênio”, dentro dos moldes do filme há pouco assistido, a afastar aquelas entidades para um local incerto, porém longínquo em relação ao qual me encontrava.

Percebendo, contudo, o “bom humor zero” daqueles seres e a, pelo menos, aparente indiferença pelo que eu pudesse sentir, esforcei-me para não ser desagradável além da conta, e permaneci “mentalmente mudo”, enquanto eles desfilavam alguns argumentos, no meu psiquismo, quanto aos “porquês” da necessidade da minha dedicação.

Dos argumentos ofertados naquela ocasião, um chamou-me a atenção sobremaneira: “... *como agora, na sua condição terrena, você já conhece o Senhor Javé, está, portanto, habilitado a esclarecer algumas questões, com conhecimento de causa... e por isto deverá participar dos encontros preparatórios, com a sua mente encarnada ativa em sua condição cósmica espiritual, e com o conteúdo de lá retirado, você deverá compor um livro com a marca que lhe é própria...*”.

Pensei comigo mesmo: “*Não conheço o Senhor Javé, nem sei se os efeitos desastrosos que pesam sobre os meus ombros foram realmente causados por ele ou por alguma entidade poderosa, no seu aspecto mental, que se fazia passar por ele junto ao meu psiquismo*”.

A “voz” voltou a se fazer presente no meu psiquismo dizendo: “*Você realmente conhece Javé e, portanto, deve saber que em nenhuma hipótese ele permitiria, pelos laços que os unem, que alguém se fizesse passar por ele junto a você, a não ser com a expressa autorização dele. Não esqueça: nada ocorre na Obra do Senhor Javé que não lhe esteja afeito de algum modo*”.

Desisti de chegar a alguma conclusão sobre o que me estava sendo transmitido e, simplesmente, deixei o tempo passar enquanto algumas outras considerações da parte daqueles irmãos passeavam pela minha mente.

Dias depois, comecei a escrever este livro com base nas vivências despertadas no meu psiquismo, o qual agora oferto aos que buscam entender painéis de um passado ainda não esclarecido para esta humanidade, além de arquitetar a necessária compreensão quanto aos fatos do presente e o possível vislumbre sobre o que nos espera no futuro

imediatamente, após os primeiros momentos da reintegração da Terra ao convívio com seres de outros orbes, tudo isso sob os auspícios deste Ser chamado, por nós, de Javé, cuja personalidade não pode – conforme penso – nem poderá jamais ser devidamente compreendida pelos seres humanos da Terra.

A quem interessar possa, foi depois das ocorrências aqui descritas que comecei a escrever os livros a respeito do “drama” do Senhor Javé e de outras entidades que foram e são suas parceiras no desenrolar de toda uma história universal ainda por ser descortinada pelos que vivem na Terra.

Para minha total surpresa, quando a última etapa do “encontro com Javé” estava sendo lembrada pela minha condição humana, percebi que ocorreria um outro encontro mais inesperado ainda, sendo que esse último somente veio a ter lugar em meados do ano de 2013.

Atlan, 04 de janeiro de 2014.
Jan Val Ellam.

1 - 2007: O ANO QUE NÃO ACABOU

2007: O ano que não acabou

— Vamos fazer um pacto?!

Encontrava-me subindo no elevador de um hotel na cidade São Paulo. Sozinho, tive a impressão de que alguém havia falado comigo de um modo impositivo.

— Ó humano, vamos fazer um pacto?!

Escutei novamente a mesma voz enquanto saía do elevador na direção do quarto e, por ser a segunda vez, fixei mais minha atenção sentindo algo inusitadamente estranho.

Era maio de 2007 e nada havia que fosse do meu interesse naqueles últimos dias e, portanto, pensei que estava escutando mais alguma coisa diferente vinda do além, aspecto que, se para muitos pode parecer ficção, para mim, fazia parte do “padrão normal” ao qual tive que me acostumar.

Entrei no quarto e lá estava uma “agitação no ar”, como se esse estivesse “tremendo” enquanto algo parecia estar flutuando feito nuvem discreta, próximo à janela do outro lado da cama.

— Ó humano, é tempo de acabarmos com essa contenda mental. Você é o meu escolhido para esses tempos finais, quando ainda prevalece o caos e não os meus desígnios. Posso esperar de ti o cumprimento que tanto almejo?

Com senso de humor próximo à zero, ali estava eu, depois de ter “anunciado” um falso evento que não se cumpriu, tendo contato com aquela coisa estranha, ainda muito mais estranha do que tudo que até então a minha sensibilidade colecionara...

Sequer dignei-me a responder e voltei a minha mente para decidir se iria tomar um banho antes de jantar ou se deixaria para depois.

— Sou aquele que é o criador. Sou Javé, seu senhor e seu deus. Temos um pacto?

Fiquei em silêncio, aturdido com aquilo que escutara, enquanto pensei comigo mesmo “só me faltava essa!”, ou coisa do gênero.

Se aquela coisa que começava a se movimentar no bojo daquele campo vibratório, meio portal, meio nuvem, que aumentava e diminuía de intensidade, havia lido o meu pensamento não deu mostra disso pois continuou a me “cobrar a realização de um pacto” enquanto reafirmava que era o mesmo deus de Abraão, de Isaac, de Jacó, de José, de Moisés, de Maomé, num “discurso” que mais me parecia algo gravado.

Comecei a me sentir mal e simplesmente dei às costas e me dirigi para o banho, único momento em que pude ficar em paz. Demorei o quanto pude mas por não ter tido tempo de almoçar, a sensação de fome começava a se fazer presente no psiquismo, o que me levou a sair da minha “base de proteção”, pois é assim que me sinto em contato com a água.

— Nunca ninguém jamais me deu às costas! E não pense você que será o primeiro. Desculpe-se!

Comecei a me vestir louco para sair daquele quarto enquanto o fenômeno se desenvolvia à minha frente. Em dado momento pensei comigo mesmo que não adiantaria sair sem resolver ou dar atenção àquela história pois quando voltasse poderia ser pior e perder uma noite de sono.

Sentei-me na cama, em posição que normalmente utilizo para praticar exercícios respiratórios e de meditação, e procurei fazer exatamente isso.

O ser que ali se fazia expressar por meio daquele fenomenologia pareceu não gostar nenhum pouco da minha ideia. Mas, estranhamente, consegui diminuir o ritmo da respiração usual e ali permaneci durante algum tempo, esquecendo-me inclusive da fome que havia me rondado o psiquismo.

Se aquele ser podia algo fazer para me atrapalhar não o fez. Somente após o momento em que voltei a abrir os olhos foi que ele voltou à carga.

— Não pretendo obrigá-lo, estou lhe convidando para firmarmos um pacto. Sei que te apliquei um artil mas somente assim os meus desígnios se cumprirão. Darei muito mais do que te retirei, disso tenha você certeza. Você é o meu agente, o meu escolhido...

Levantei a mão pedindo para que aquilo cessasse. Parecia, naquele momento, que era uma máquina falando comigo, que procurava assumir alguma forma no meio daquela vibração, sem que o conseguisse.

— Não sei quem tu és, e ainda que seja quem diz, para mim não tem relevância. Educado e evoluído sei que não és pois nenhum espírito minimamente elegante e amoroso age dessa maneira. Pouco importa quem sejas. Se há algo que eu possa fazer e que te seja útil, deixa-me saber que, caso possa, o farei e nada quero em troca. De ti, seja lá quem fores, não há nada que tu tenhas que me possa interessar. Sou um miserável ser humano, mas neste momento me basto! Repouso nos meus princípios e propósitos e nada reclamei sobre o que me fizeram passar perante os meus outros. De mim tu não escutaste nenhuma reclamação até mesmo porque não sabia que eras tu quem estava por trás disso, em sendo verdade o que dizes. Mas pouco se me dá! Posso me levantar e sair para jantar?

— Não, você não pode, ó humano, tratar-me desta maneira. Sou seu pai e criador, deve-me obediência e respeito. Ainda assim, estou lhe convidando para que você faça agora o que Moisés fez no passado. Autorizarei a vinda de Jesus, como anunciado, e com ele virei, e você será o nosso agente, e unirá em torno de si todas as correntes dispersas pois para isso você terá todo o poder que necessitar...

— Desculpe-me por interromper mas tu estás louco? Não penso que sejas esse Javé, mas pouco importa quem sejas, tudo o que sei é que és cego pois suponho que qualquer ser minimamente inteligente do lado em que te encontras pode perceber que o eu talento é zero para ser emissário de quem quer que seja e muito menos, seja lá quem tu fores, o repito.

— Respeite-me...

— O respeito que oferto a ti é o mesmo que oferto a mim mesmo ou a qualquer barata que esteja nos escutando. Nada te pedi, nada quero de ti, se foi realmente tu quem me enganou, levando-me a comentar com afetos sobre a data que seres extraterrestre me informaram ser a do retorno de Jesus, pedindo-me para que isso fosse revelado, isso é problema teu. Se justiça divina existir, um dia te verás com ela. Quanto a mim, estou em paz. Deixa-me! Aparta-te de mim pois não me és merecedor nem de respeito

especial ou de qualquer outra postura. Começo mesmo a sentir repulsa pelo que dizes ser fazendo o que tu fazes.

— Você terá que me respeitar...

— Livra-me da tua presença e deixe-me sair sem que eu me sinta mal pois se és quem dizes ser e fizestes o que afirmas, tu já estragastes com esta minha existência e estou tentando reconstruí-la e nada quero de ti.

— Não terá paz até que eu assim o determine; não terá sossego até que a mim se submeta. Sempre fostes arrogante e indisciplinado para com meus desígnios e para com o que sou.

— Agora deu! Nunca havia sequer vislumbrado que poderia existir alguém como tu. Até mesmo nos livros que produzi pintei-te de outro modo e penso que levado também por “desinformação” vinda de tua parte. Como podes...

— Falo de um passado que você desconhece mas ao qual eu e meus anjos temos acesso...

— Pouco se me dá! O presente já se tornou algo nojento, podre, devido ao que foi feito, e lá vens tu com esta história de passado. Erraste de quarto, ó cara pálida, pois deus ou semideus ou qualquer tipo dessa coisa tu não podes ser pois sequer sabes discernir um quarto de outro, quanto mais um ser humano de outro. Cai fora! Encheu meu saco! Se aqui permaneceres, farei questão de assumir uma postura que jamais me permiti enquanto ser humano para deixar claro o quanto tudo isso me é desprezível. Tu és um doente por pensar que és deus, seja lá quem tu fores.

Levantei-me enquanto um ser realmente se formou no meio daquela coisa esfumaçada, e parecia ter a aparência de um ser humano alto, avantajado, e com cabelos alvos.

— Você está muito ferido com o que lhe fiz. Devo reconhecer. Desconcerta-me você não aceitar um pacto comigo. Um humano não aceitar um pacto comigo! Isso não pode ser. Voltarei em outro momento para...

— Não voltes. Se tens alguma decência não voltes. Esqueça-me, seja lá quem tu fores.

— Eu sou Javé, eu sou Brahma, eu sou Alá e você me deve obediência e este ano não terminará sem que eu e meus anjos vejamos você submisso aos meus desígnios. Sou seu criador...

— De novo não... tu não podes ser quem dizes ser... isso deve ser brincadeira das trevas. Que Deus pacifique vocês!

Saí do quarto e fui jantar. Demorei o quanto pude e foi com certa curiosidade que voltei para o quarto, abrindo a porta lentamente até perceber que tudo parecia tranquilo.

Liguei a televisão enquanto me preparava para dormir, pensando, inclusive, em tomar um outro banho, quando percebi, ainda que com a televisão ligada, a presença de um grupo de espíritos que cuidadosamente foi se posicionando como se as paredes não existissem. Percebi que não eram individualidades espirituais evoluídas, muito pelo contrário, mas que vibravam aparentemente com algum tipo de respeito em direção a minha pessoa.

Percorri, com o que restava do meu senso crítico, o programa daquele dia verificando se havia tomado algum remédio diferente que me pudesse provocar alucinação ou mesmo se na reunião que tivera por quase todo o dia, se alguém teria colocado alguma droga na bebida. “Era assombração demais para um dia só”, pensei.

Desde o final do ano de 2006, do falso anúncio, que havia decidido a não mais me permitir levar adiante qualquer contato mediúnico ou seja lá de que tipo fosse. E ali me encontrava, poucos meses depois, sendo acossado daquela forma e tudo num só dia. Era tudo muito estranho.

— Viemos lhe saudar pois você foi o primeiro ser humano a dizer um não a esse ser que tanto nos impõe sofrimento. Finalmente alguém fez a Javé o que ele sempre mereceu desde que passou a perseguir ferozmente a raça humana. Estamos a seu dispor para lhe defender dos ataques das legiões das máquinas e dos seres aberrantes a quem ele chama de anjos. Estaremos ao seu lado..

Lá estava eu de novo com a mão levantada pedindo para que aquilo parasse. Por alguns segundos pensei que a ocorrência que se desenvolvia a minha frente era “coisa de Javé”. Mas pela violência do que ali foi dito

contra ele percebi que algo de muito grave e problemático estava acontecendo.

O espírito que se encontrava à frente daquela horda de espíritos embrutecidos e infelizes, ao perceber o meu movimento atendeu-me enquanto permanecia na posição de um chefe militar perante um exército.

Senti-me terrivelmente cansado e pensei que iria desfalecer. Mais uma vez, sentei-me na posição de yoga enquanto buscava “ar” para acabar com aquela “presepada” que aos meus olhos mais parecia uma “ópera bufa” – desculpem a pobre expressão, mas estou sendo honesto com os momentos que vivi naquele dia.

— Não sei se aquele ser era Javé...

Fui interrompido por uma espécie de algazarra vinda da turba que estendia muito além do limite da parede à minha frente.

— É ele sim, todos nós o conhecemos... Ele é um demônio disfarçado de deus... Ele crucificou Jesus e pois a culpa em nós, inclusive em você mesmo que no passado o crucificou... Ele é um ser doente, mais ainda do que nós... – escutei muita coisa que me deixou absolutamente perplexo.

Deixei que se expressassem até cansarem, pois sequer sabia se eu poderia mesmo impedi-los de algum modo, enquanto procurava por alguma ordem no que restava da minha sensibilidade.

— Repito: não sei, por mim mesmo, se aquele ser é Javé... Parece que vocês o sabem. Minha condição humana não sabe... Talvez amanhã o espírito que me anima a personalidade terrena me faça saber disso... Sei lá. Mas não importa. Quero apenas distância dele como também, para ser honesto, gostaria de pedir que vocês me deixassem sozinho. Agradeço mas não desejo nenhuma proteção. Para mim não é nenhum incômodo esperar da vida apenas o momento da morte física. Se o que ele pode me provocar é isso ou sofrimentos outros, para isso não pretendo ter proteção, pois até acelera a saída deste mundo, o que não me incomoda.

Fez-se um silêncio sepulcral enquanto alguns dentre eles pareciam desconsertados, pois que diziam “vamos embora”, “ele não fará, não se ombreará conosco”, e outros comentários desconexos.

— Sim, nós o deixaremos sozinho, mas não se iluda que a paz jamais estará contigo ou conosco ou com qualquer um enquanto esse ser criminoso for quem manda. Nós sustentamos a rebelião contra ele, da qual sabemos que você fez parte...

— Por favor, nada tenho para dar a vocês novamente agradeço a intenção mas vamos encerrar por aqui.

— Será como você deseja. Algumas vezes lhe agredimos achando que você era o novo agente dele para dominar o mundo. Você o rejeitou e nos rejeita também... Eu compreendo... Nós compreendemos... Sei que estamos diante de algo novo, de uma coisa diferente, de um comportamento jamais observado... Você não tem ódio por quem lhe humilhou, do jeito que ele fez, mas não se submeteu ao todo poderoso. Não se iluda pois é ele mesmo. Há milênios que a nossa falange sofre as dores da perseguição da parte desse ser e dos seus anjos.

Pude perceber que enquanto aquele espírito falava ele assumia a forma de um militar romano e depois de uma autoridade eclesiástica, além das suas vibrações — pelo menos foi o que pensei ter percebido — serem frias e pesadas. Notei que ele se esforçava por me respeitar, mas era acima de tudo alguém que sofria muito pelo acúmulo de rancor e de ódio.

— Somos muitos que vemos nesse ser a personificação do caos e do infortúnio. Somos muitos... E estamos com você, caso precise ou venha a achar que precisa da nossa companhia. Mas a paz jamais estará nos nossos corações enquanto ele comandar. E não se iluda: ele é real. Desgraçadamente real! Agora lhe deixaremos.

Um dentre eles, adiantou-se um pouco e jogou um “prego” algo desgastado no “chão”, enquanto apontava para o mesmo dizendo:

— Não é como você pensa... Não é como você pensa... Não tivemos culpa pela crucificação de Jesus... Foi ele quem tramou tudo isso e esse fardo nós carregamos... Ele e Javé fizeram isso conosco... Não perca tempo com a sua volta... Eles brigam mas sempre se entendem e nós somos quem carregamos o fardo deles... Somos ratos para eles, somos insetos para eles, eles não se importam...

O espírito que fez isso começou a chorar feito criança, enquanto recolhi-me em concentração profunda desligando-me da realidade material e de qualquer aproximação espiritual.

Repousei enquanto pude no Sagrado que habita em mim e em todos os seres, e foi lá pelo alvorecer que deitei-me para deixar fluir o sono fisiológico.

Retornando para Natal, em pleno voo, fui agora visitado por amigos espirituais que me solicitaram a aquiescência para se aproximarem pretendendo apoiar-me vibratoriamente perante o ocorrido.

Agradei enquanto recebia os fluidos amorosos pois aqueles dias teimavam por não serem agradáveis devido à renovada presença da falange do ser que se apresentava como criador.

De fato, aquele ano ainda não terminou e penso que jamais acabará, pelo menos nos termos referido por quem, hoje sei, ser Javé.

FIM

2- ESTUPEFAÇÃO

A vida seguiu adiante enquanto procurava colocar o foco da minha atenção nos processos profissionais, na medida em que passei a “aplicar” a minha energia na tentativa de reconquistar um mínimo de credibilidade profissional para atender as obrigações familiares. Se antes, tudo sacrificara, desde os 27 anos, em nome de uma pretensa tarefa apontada por “setores do outro lado da vida”, que somente a muito custo aceitei como uma possível verdade, agora, absurdamente cansado e tendo sobre os ombros o fardo do equívoco, nada que fosse daquele naipe me motivava a coisa alguma.

O espírito que me anima a condição humana há muito já era possuidor do seu código filosófico de conduta, o que facilitava a vida do “meu ego” em manter vivo o tesouro espiritual sem me deixar afetar pela desvinculação que, forçosamente, procurava impor em relação a qualquer obrigação mediúnica ou coisa que a isso se assemelhasse.

Estranhamente, mesmo os amigos espirituais se esforçando por manter viva, junto à minha sensibilidade, as notícias sobre o retorno do Mestre, afirmando que somente com o tempo eu compreenderia o porquê do desafortunado aviso falso que me fora repassado, cada vez mais me afastava das reflexões, dos registros escritos, das palestras, enfim, do ritmo que antes sempre aplicara à pretensa tarefa. De modo ainda mais estranho, o tal ser e seus acompanhantes, procuravam fazer de tudo um pouco — do que lhe era possível — para chamar a minha atenção para a sua presença e suas estranhas intermináveis tentativas de “falar comigo”, se por isso entendermos “dar ordens a um humano da Terra”.

Quanto mais aquilo acontecia, mais achava que, fosse lá quem estivesse por trás daquele processo, caso se desse o respeito, já teria parado de me cercar, de me tentar envolver, enfim, de se posicionar à minha frente inúmeras vezes, recebendo, de minha parte, a mais profunda indiferença amorosa que eu podia ofertar. Aquele comportamento foi o que, ao longo da vida, arquitetei como sendo a opção espiritual a ser por mim assumida quando viesse a achar que não poderia ser útil a esta ou aquela “visita espiritual ou da parte de seres por mim desconhecidos”...

— Precisamos fazer um pacto! — era o que comumente escutava, sem dar a mínima chance a qualquer tipo de continuidade no processo de comunicação. Com o tempo, percebi que ao me aprofundar nos exercícios do método de yoga, que havia criado para as características do meu próprio temperamento, ao longo dos processos de meditação profunda, aqueles seres e, aquele ser, em especial, não tinham o “menor poder” sobre a minha vontade pessoal. Caso tivessem, estavam usando o seu pretenso poder muito mal, pois simplesmente tudo o que faziam era ficar repetindo as mesmas coisas enquanto delas me desligava sem grande esforço.

Para minha surpresa, numa certo fim de tarde de um fim de semana, ao “retornar” de um estado profundo de consciência, deparei-me com alguns amigos espirituais a quem já conhecia, que pacientemente pareciam “me aguardar”. Antes que eu esboçasse qualquer postura, perguntaram-me se podiam me fazer um pedido e uma observação, diante do que continuei em atitude de “indiferença amorosa”.

— Sabemos que o seu desejo é terminar seus dias sem mais receber comunicações ou visitas. Sabemos e respeitamos sua opção pelo isolamento e solidão, mas temos que lhe informar que nesta vida isso não lhe será possível, pelo menos nos moldes em que o irmão deseja. Precisamos lhe pedir para que dê atenção àquele que lhe tem procurado, dentro das suas condições, para traçar algum tipo de parceria. Este é o nosso pedido! A observação que temos agora de registrar junto a sua sensibilidade é a de que todos nós precisamos que o irmão assim proceda. Estamos aqui lhe transmitindo uma solicitação do nosso Mestre e de toda Espiritualidade atuante para que o irmão não se deixe levar pelo cansaço existencial, apesar de bem compreendermos as suas razões.

— Desculpem, mas, por muito tempo pensei que vocês sabiam do que afirmam saber. Desconfio, porém, que nem sempre é assim. Não, vocês pensam que sabem, mas não sabem, pelo menos em relação a esse tipo de ser que sequer imaginava poder existir! Sei que espírito encarnado jamais deveria dizer isso para um “desencarnado”, quanto mais para ti, amado irmão e orientador. Mas desconfio que se esse ser for quem ele diz ser, isso que está acontecendo é a tal ponto inusitado, que para alguém do meu tamanho é simplesmente impossível, pelo menos por agora, submeter-me a

quem quer que se me apresente como sendo quem plantou a dificuldade para negociar a facilidade.

Que ele não saiba disso, já começo a aceitar que esse ser não sabe mesmo muita coisa, apesar de se vender como um deus. Mas vocês...? Vocês me conhecem e sabem meus limites e imperfeições e traços do meu temperamento, como podem então me fazer solicitações desse naipe? E o Mestre? Ele mesmo foi quem mais desobedeceu a esse ser cuja existência pensei se encontrar exposta de modo distorcido nas páginas da Bíblia por tão estranha parecer a sua personalidade criminosa!? A possibilidade que tenho de fazer qualquer pacto com ele, vocês, ou seja lá quem agora se apresente como sendo portador de solicitações do Alto, penso que é absolutamente nula, até porque tenho o dever moral de desconfiar de qualquer contato mediúnico e mesmo direto com esses seres, pois de ambos somente colhi espertezas e ardis que realmente têm tudo a ver com o astuto deus bíblico, mas que nada tem a ver com o que penso ser o tempero da dignidade que deve pautar contatos desse naipe.

Peço desculpas por ter interrompido... mas isso, vocês sabem, jamais o fiz, pois tenho o mais profundo respeito pelo processo. Contudo, nas condições em que me encontro e em que ele se apresenta... Lamento... E nem sei porque de ser tão importante assim vocês me pedirem isso. Pretendo ter encerrado a minha participação em processos que vergonhosamente subordinam as suas estratégias aos fins, ainda que eu me ache o mais miserável dos homens. Mas, ainda assim, usando o meu livre arbítrio ou o que dele possa restar, não quero fazer parte disso.

— Nós compreendemos, amado irmão, tudo o que nos é observado. Realmente, jamais um ser humano passou e passará pelos dias que ainda lhe esperam, independente de como você venha a proceder. Mesmo aqui da espiritualidade, sobre o que diz respeito a esse ser, temos também as nossas limitações e muito do que está por acontecer ainda precisa ser arquitetado e o seu livre arbítrio terá um papel muito complexo no porvir.

Os painéis que o irmão ainda será obrigado a descortinar será também motivo de estudo para todos nós e para seres que se encontram em posições de existência difíceis de serem aquilatados pelo conhecimento da Terra. Que mais podemos lhe dizer? Sabemos que o irmão, nas primeiras reflexões sobre o ocorrido, registrou que nós, os espíritos desencarnados que atuamos

junto a si, sabíamos do abuso moral a que o irmão estava sendo submetido e nada fizemos para lhe alertar.

De fato! Todos os canais próximos a si, como lhes são próprios, estavam ocupados pela estratégia desses seres que, além dos contatos mentais, usam também as suas naves estacionadas no universo, e esses contatos diretos é que levaram o irmão a assumir os compromissos com o que lhe foi por eles solicitado, tão grande foi a influência que os fatos por eles promovidos tiveram junto ao irmão. Não tínhamos como impedir e nem é o nosso papel isso fazê-lo, e sabemos que tens consciência disso.

Quanto a lhe alertar, infelizmente, seu espírito nasceu para essa missão, por mais que lhe seja desagradável saber disso. Como o irmão bem sabe, a condição humana ainda está para ser ajustada a uma nova situação na configuração do seu DNA, para que o livre arbítrio da mente espiritual possa ser um só com o nível de liberdade que marca o ego terreno. Vamos, pois, deixá-lo, sabendo das dificuldades que todos teremos em, doravante, contatá-lo, já que conhecemos a firmeza das suas posições e, sinceramente, não o podemos criticar. Muito ao contrário.

Estimamos, apenas, que o irmão continue a se pautar como sempre o fez. Muito o respeitamos e, por quem somos, nada podemos nem iremos fazer no sentido de intermediar possíveis soluções. Sabemos que a sua luta é pessoal e que esse ser somente estabelece concurso vibratório com um humano a cada vez que deseja fazer valer os seus desígnios. Estamos e estaremos juntos a você, sempre, ainda que a sua personalidade terrestre opte pela solidão.

“Nada de novo” – pensei, logo que me vi novamente só. Realmente os nossos espíritos tomam certas decisões lá na espiritualidade que aqui, sob o desconforto das circunstâncias, muitas vezes não nos é suportável mantê-las. “Se este era um dos casos”, pensei, “minha decisão estava tomada: não quero e não vou fazer parte de um processo que, aos meus olhos, parecia mais podre do que qualquer podridão produzida pela própria miséria humana. Estou fora!”, conclui, decidindo, a partir daquele ponto, usar sempre expressões críticas com cores fortes para frear qualquer “amolecimento” do meu psiquismo.

Antes mesmo do próximo fim de semana, em uma certa noite, encontrava-me assistindo a um filme quando tive o desprazer de escutar mais uma vez: — Precisamos fazer um pacto!

O filme não era grande coisa e ficou ainda pior, mas tentei assisti-lo até o fim, até mesmo para ter algo em que fixar a minha atenção. Mas, ao retornar para o lar, ainda no elevador, tornei a escutar a ordem-convite para o tal pacto.

— Sou seu pai e senhor e de todos os que vivem na Terra. Todos os que criei absorvem o meu comando, pois assim tem que ser até que o novo possa ter lugar na minha criação. É necessário que confie em mim. Muito fiz para chamar a sua atenção, mas a sua desatenção por mim e pelo que represento sempre foi a tônica dos seus pensamentos. Nos seus livros, você me diminuiu; nas suas preces, jamais você se dirigiu a mim; nos seus sonhos, mesmo eu me fazendo presente, você se confundiu e me confundiu com alguém que sequer pude detectar; nas suas reflexões sempre a repulsa por alguém do “meu tipo” era a tônica; nunca consegui estabelecer qualquer contato mental com você e tentei lhe enviar minhas mensagens através de outras pessoas mas, ao receber as cartas que elas enviavam, quando você via o meu nome nelas reproduzido, sequer as lia na sua completude, deixando-as de lado... Recorda-se de tudo o que estou lhe dizendo, ó humano?

— Sim, para ser honesto, de fato essas coisas aconteceram.

— Lembra-se de em quanto tempo essas coisas foram lhe acontecendo?

— Sim, faz...

— Bem mais que cinco dos seus últimos anos aqui na Terra que lhe busquei contatar e jamais fui recebido. Procurei lhe demonstrar que era eu a comandar o “processo” e não Jesus. Procurei lhe demonstrar que, sem a sua submissão à minha vontade, nada iria suceder, pois somente com o meu consentimento esse eventos têm lugar na Terra e em qualquer parte da minha criação. Esforcei-me por criar condições para lhe propor, antes do problema, o pacto que agora lhe proponho, pois sem a parceria de um humano à minha vontade esse ciclo não terminará. E por questões do passado e do presente esse ser humano tem que ser você.

— Quais são os termos desse pacto?

— Você me obedece e lhe darei riquezas, posteridade e poder para realizar os meus desígnios. Preciso reunir numa só bandeira o que eu tive que dispersar nas páginas da história; preciso superar as intolerâncias do processo que criei para poder educar os humanos da Terra; preciso manter a continuidade do meu ser através das minhas criaturas e você será o meu instrumento para os terráqueos e para os que lhes observam e aguardam. Já lhe testei e muitos dentre os meus atestam que você é o complemento que falta ao meu processo para a retomada do que foi interrompido pela teimosia dos que me são insubmissos.

Pedi ao ser para que ele me detalhasse o que queria de mim. Não me atrevo a expor o que escutei naquela e em outras tantas oportunidades porque teria que descer a níveis de detalhes e de explicações que muito me desgastariam e a quem por ventura venha a passar a vista por estes escritos. Seria mesmo inacreditável para quem disso viesse a saber e, por isso, pretendo levar para o túmulo essas questões. Recuso-me a pensar e a refletir sobre elas. Simplesmente me eram inaceitáveis e penso mesmo que envolvia algum tipo de “birra” ou mesmo de “aposta”, à moda do Lot bíblico, entre Javé e sabe-se quem mais. O fato é que recusei e até hoje pago o preço por isso.

Se alguém pode pensar que a humilhação pública já era um castigo pesado, saiba apenas que o conjunto do que veio depois, devido à minha recusa, foi bem pior e mais atordoante do que o ardil que me foi aplicado no início.

Hoje, enquanto produzo estas linhas, penso que já sei que realmente havia e de fato existe uma “aposta” que envolve as minhas atitudes em relação a esse ser, e essa aposta tem a ver com o modo como os três seres da trimurti hindu lidam com os humanos da Terra. Mas, na época dos fatos aqui descritos, que tiveram lugar no ano de 2007, eu de nada sabia. Simplesmente me recusei a participar de qualquer processo que, tivesse naquele ser um comandante a quem eu precisasse subordinar a minha consciência de humano nos mesmos moldes que um soldado obedece cegamente ao seu superior.

Javé costumava me dizer, ao longo do período da tentativa de um convencimento que nunca houve, que se ele dissesse para eu me atirar de um penhasco, que o fizesse cegamente, pois os seus anjos situados nesta faixa de realidade, com suas naves, as mesmas que me apareceram em várias oportunidades — e aqui não estou me referindo a visões mentais ou mediúnicas — simplesmente me “protegeriam” e nada aconteceria.

Jamais havia escutado algo tão ridículo quanto aquilo, mais ainda quando fui percebendo que o tal Javé e seus anjos adoravam uma coreografia para impressionar os desavisados humanos, dentre os quais estava eu incluído até o episódio do aviso da chegada de Jesus. Em toda aquela história, o que mais chamava a minha atenção era a dedicação daquelas forças — o tempo e o esforço investidos por eles — para envolver um simples homem do meu tamanho. E isso é um enigma que somente os desdobramentos dos fatos podem explicar.

Continuava a tentar administrar e a direcionar a vida nos rumos por mim pretendidos enquanto aqueles seres procuravam negociar, agora, as minhas “intenções”. Foi um dos períodos mais incômodos para a minha sensibilidade... Já percebi que, seja lá quem fosse aquela horda de seres, eles não tinham a menor complacência, o menor escrúpulo, a mais remota preocupação com o que eu pudesse sentir, ainda que depois do que eles já haviam provocado de desconforto na minha existência.

Costumava pensar que, caso o diabo existisse, nem ele se dedicaria tanto a perseguir um humano do meu naipe, que logo faz a opção pela “indiferença amorosa”, quando percebe que o outro lado da história é ainda mais atrasado, espiritualmente falando, do que o meu próprio ego.

Antes mesmo do final do ano de 2007, para “provar o seu poder”, Javé pregou-me mais uma peça, gerando-me mais uma situação constrangedora, com o claro intuito de me ver humilhado frente ao seu poder de “influenciar pessoas” de minha afeição e colocá-las em posição de confronto em relação a mim, ainda que eu não estivesse em guerra com ninguém e nem com ele.

— Tu tens alguma noção do significado de honra e decência?, questionei-lhe, então, sendo esta a “primeira pergunta” que lhe dirigi quando de uma certa aproximação dele e da sua hoste de seres, que sempre se apresentavam como sendo agentes-robôs da sua vontade.

— Você está me obrigando a fazer de tudo para submetê-lo e eu o submeterei à minha vontade. Você não pode me desafiar, ninguém o pode. Se você não se submeter, meus anjos infernizarão sua vida até...

— Já me respondeste. Seja lá quem fores, tu não tens vergonha nenhuma, não sabes sequer o que é isso. Tua natureza é doentia, perversa, e estou começando a aceitar que o deus bíblico cujas atitudes sempre achei piores do que as de que qualquer demônio, realmente és tu. Se este era o teu objetivo, agora começo a acreditar que ele existe. Ai estás! Dignifica-te, seja lá tu quem fores, pois a mim destruirás, mas não me submeterás a esses desígnios ridículos e absurdos. Se tens algum poder usa-o para me aniquilar pois nada quero contigo e nada quero de ti. És um criminoso, defraudador e covarde, que agride escondido por trás desse véu que te mantém fora do alcance da percepção humana. És um pobre coitado, seja lá quem tu fores...

— Respeite-me pois...

— Respeito-te do mesmo modo que respeito a mim mesmo. Por isso, trata tu de respeitares a ti mesmo pois percebo que, seja lá de que tipo possa ser essa tua natureza, ela não tem a menor noção de respeito por si mesma e, obviamente, não terá por mim nem por ninguém qualquer coisa que a isso se assemelhe. Começo mesmo a compreender a crucificação de Jesus como um dos tais desígnios que ele obrigou-se a cumprir quando disse que veio a esse mundo para fazer a tua vontade e não a dele. Era aquela a tua vontade não é mesmo Javé? Vergonha: zero! Tu não tens mesmo vergonha e nem dignidade. Que o verdadeiro Deus se apiede de tua alma, caso a tenha.

— Você não conhece a minha fúria...

— De fato não pois pessoalmente só conheço o teu lado medíocre e doente, e pouco se me dá. Aqui na Terra convivemos com monstros disfarçados de animais irracionais e mesmo com os que, dentre os humanos em tal se transformam. Realmente, não sabia que um ser criador podia chegar a esse ponto. A tua fúria somente serve, a meus olhos, para provar quanto és doente e carente de decência e de dignidade. Conheço a tua fúria bíblica, se és de fato aquele ser. Somente criou problemas para todos os que vivem na Terra. Sinceramente não sei se tu sabes sobre a Espiritualidade Maior, penso que não. Pois se o conhecêsseis não te permitiria viver como vives, furioso que nem um animal, pronto para agredir, e ainda te pretendes

um deus. Que o verdadeiro Deus possa me livrar de ti. Caso contrário, como já te disse, usa o teu poder e acabes de uma vez por toda com a minha condição humana. Penso que seria mais digno para ti. Prometo deixar esta vida tentando te endereçar alguma expressão de compaixão pelo teu estado apodrecido.

Estranhamente aquele ser “escutava o que não queria ou jamais escutara” e continuava “ao meu redor”, como se estivesse me observando. Mas apesar da postura furiosa e de me dirigir as mais estranhas vibrações que recebi, ele parecia não querer se afastar.

Naquele tempo eu não havia percebido ainda a informação que veiculei no livro “Drama Espiritual de Javé”, que dizia respeito ao fato daquele ser não “possuir uma alma”, por mais aberrante que isso pudesse parecer.

O fato é que, no Natal daquele ano, ele novamente se aproximou e começou com a mesmíssima história que aqui não repetirei para não abusar da paciência de quem, por ventura, venha a ler esses escritos.

Se o Natal de 2006, ainda que logo depois do falso aviso, foi tranquilo para a minha sensibilidade pois imaginava-me livre daquela história, o de 2007 foi um dos mais terríveis já que ali estava um ser se dizendo responsável por tudo aquilo e que não me deixaria em paz até que eu me submetesse aos seus desígnios. Afirmou que utilizaria de todos os recursos para atingir seus objetivos e que nem Jesus havia escapado da sua fúria implacável, quanto mais eu.

Estupefato com os acontecimentos daquele ano, foi com olhos de profundo desalento, associado à indiferença pelo que me pudesse acontecer no resto desta vida, que me uni aos que comemoravam o nascimento de Jesus, que deu origem a toda aquela história que me encontrava vivendo em pleno século 21.

Recolhi-me, para dormir, com a certeza de que tudo de absolutamente errado estava acontecendo comigo, e que eu não poderia e nem deveria achar-me confiável para coisa alguma, pois até as minhas reflexões poderiam estar “envenenadas” pelos milênios de opressão daquela força de dominação sobre a desavisada humanidade. Foi quando me aprofundei mais ainda nas práticas de meditação e de vivência de estados de consciência que

me permitem repousar na semente do Sagrado que habita em cada um de nós.

Alinhado comigo mesmo, com os meus princípios e propósitos, e repousando a minha miserável condição humana no Sagrado, de nada mais precisava para viver os dias que me restavam. Mas em fazendo isso, sabia que não poderia mesmo atender às solicitações dos mentores espirituais e deles me desvinculei em respeito as suas nobres intenções, percebendo que a muito contragosto eles respeitavam o meu estado psíquico de não confiar em coisa alguma do que acontecia comigo. Doravante, a única certeza que me marcava o psiquismo terreno, era a de não querer fazer parte daquele processo que, a meus olhos, era a coisa mais podre de tudo o que havia concebido e vivido até então.

Mal imaginava que a estupefação tem diversos graus por onde o psiquismo humana precisa passear até que lhe seja possível compreender, nem que seja a nível primário, a dolorosa aberração que existe por trás da “violência predadora” presente no DNA dos corpos dos seres vivos da natureza terrestre, exatamente a herança legada pelo criador para todos os “seus filhos e filhas”.

Naquele ano comecei a descobrir que cabe ao espírito que anima a condição humana administrar o fardo da carga genética do corpo animal ao qual se encontra vinculado durante o tempo da vida terrena, como forma de ajudar aquele ser caído, perdido e falido nas suas forças espirituais mais íntimas.

3 - O COMANDANTE COMANDADO

O Comandante Comandado

Conviver com aquela situação era algo tão fora do propósito da lógica humana, que passei a me surpreender quando percebi que a melhor coisa a desejar da vida seria a morte do meu corpo, único modo do meu psiquismo se livrar daquele assédio.

Como a prática do método de pacificação que, autodidata que sou em quase tudo, havia criado para mim mesmo, habilitara-me a “estar com as malas prontas” para ir embora a qualquer momento. Não me incomodava pensar daquele jeito, mas notava que a minha postura íntima incomodava sobremaneira a gregos e troianos, se por isso entendermos as equipes de amigos espirituais, de seres extraterrenos e os membros da força de dominação vinculada ao criador. Ele próprio era o que mais parecia se incomodar.

Já havia visto muito “quartel general” estranho na minha vida e eu mesmo me achava membro de um tresloucado pelotão à moda Brancaleone da Norcia, mas nada, absolutamente nada se assemelhava aquele ajuntamento de seres em torno do auto-aclamado criador universal que se me apresentava repetidamente.

Sempre que com aquela força interagia, obrigado pelos fatos, o meu psiquismo tinha que achar alguma coisa sobre aquilo. Naturalmente, surgia o impulso de construir uma opinião qualquer sobre o que me estava acontecendo, e outra não era a visão que o meu senso crítico — ou o que dele pudesse restar — conseguia produzir a não ser a de que um “circo tecnológico” era armado perante a minha desavisada percepção a cada vez que aquela turma se apresentava.

Como nenhum deles era humano, apesar de muitos deles aparentemente possuírem a forma humanoide, jamais pude ou soube aquilatar o significado daquele processo. O que era aquilo? A que realidade pertencia? Como se fazia perceptível à minha tosca condição humana?

Meio que acostumado aos processos espirituais e certos eventos com as cores extraterrenas, aquele tipo de ocorrência não se enquadrava em

nenhum dos campos pretensamente conhecidos pelo meu tirocínio.

Não há “certezas” nesse tipo de vivência, pelo menos para pessoas do meu tamanho. Invejo, mesmo, fortemente a quem, mediunicamente ou seja lá como, consegue ter certeza sobre o que houve, sobre o que realmente foi transmitido e sobre quem eram os agentes daquele tipo de vivência. Não as tenho! Não posso tê-las! E, no entanto, o circo continuava lá, e no centro do picadeiro um trono com um ser permanentemente sentado, e diversos tipos de “anjos”, ou “serviçais”, ou “seguranças”, ou “máquinas inteligentes robóticas”, ou “seres com formas indefiníveis ou com forma de humanóides que flutuavam ao seu redor”.

Veza por outra um desses seres parecia sair daquela bolha ou do cenário algo plastificado à minha vista, e se dirigir a mim sempre na obsessiva repetição de que eu tinha que me submeter ao Pai-Criador e Comandante. Aquilo parecia não ter fim e, na verdade, somente parou de acontecer nesse termos em fevereiro de 2014....

O ser sentado no trono sempre se me apresentou como tendo forma humanóide, apesar de que, o que ele mesmo me mostraria tempos depois, apontava para um longuíssimo processo de metamorfose pessoal que estava agora se consumando, nos seus moldes finais, pelo menos ao tempo em que esses escritos estão sendo produzidos, como sendo o de um ser humanizado em seus múltiplos aspectos, apesar da existência de certas características que transcendem em muito o que comumente entendemos por condição humana.

O espantoso era o fato de que, se ali parecia existir um ser humanizado sentado num trono, o aspecto humano ressaltava-se como sendo apenas um processo corpóreo porque aquele ser, nas suas posturas, nos seus comportamentos compulsivos, poderia ser tudo menos um ser humano.

Era uma “coisa” ou “evento aparentemente humanizado”, mas que se metamorfoseava sempre com postura predadora em relação a mim e a tudo o mais que me fosse dado perceber naquelas situações. No meu psiquismo, a impressão que me dominava era a de que um ser felino à moda leonina, réptil, máquina, múltiplo, “triplamente humanizado”, às vezes surpreendentemente belo, majestoso, outras doente, leproso, canceroso, se me apresentava substituindo-se naquele trono como se fosse um processo

em curso de uma forma-corporal ainda não formatada. A coisa parecia depender do estado mental daquele ser, apesar de que, em certas ocasiões, a aparente lógica entre a sua forma apresentada e o que ele estava expressando não se enquadrava ao modo humano de pensar.

Foram alguns embates desgastantes ao longo dos primeiros meses do ano de 2008. A partir do mês de abril o processo serenou e pensei mesmo que aquilo parecia ter se esgotado. Mas foram somente dois meses de um saborosa ilusão. A coisa voltou, só que retornou em outro nível de consecução que apenas se acrescentou ao modo como até então aqueles encontros desagradáveis tinham lugar. O “circo” passou a se armar durante os períodos de descanso do corpo físico.

Segundo os mentores, a própria assessoria circense de Javé parece tê-lo avisado de que o corpo animal que me dava face à personalidade espiritual não iria suportar muito mais. O mais estranho é que foi um deles quem, tempos depois, forneceria essa explicação, oportunidade em que passei a levar mais a sério a possibilidade de que alguns daqueles seres ao redor de Javé, pareciam já terem “despertado algo das suas consciências pessoais” e não mais se me apresentavam como sendo simples robôs da sua vontade, o que ressaltou, ocorria de tempos em tempos.

Ficava mesmo “engraçado” perceber que aqueles seres provavelmente despertados, tanto agiam sob o influxo das ordens do criador, sendo meros robôs nessas ocasiões, como se apresentavam em outras agindo com certa liberdade de expressão. Fui, assim, aos poucos, desconfiando que existia uma certa “conspiração amorosa” em torno do criador. No futuro, esse aspecto tornou-se ainda mais fortemente perceptível. Ali estava um comandante que em altos brados se dizia “todo poderoso”, mas que, ao seu redor, funcionava “algo” que, das duas uma: ele não percebia o que realmente estava acontecendo ou “deixava rolar”, posto que inevitável, devido a sua crescente e paradoxal decadência já que ele parecia estar se fortalecendo no seu aspecto humano, enquanto uma doença poderosa consumia parte de si mesmo, se é que era esse o caso.

Corria o dia 25 de junho do ano 2008. Encontrava-me a bordo de um avião da TAP, retornando de Lisboa, quando assistia ao filme “a Bússola Dourada”, e pude perceber, ao meu lado, uma espécie de delegação espiritual-cósmica formada por entidades de diversos naipes.

“Foram-se as férias!” – pensei. Lembrando-me do tema do filme, tornei a pensar comigo mesmo sobre o que seria mais espantoso: o roteiro da deliciosa ficção a que estava prazerosamente assistindo ou o conjunto de eventos singulares que se faziam presentes, sem pedir licença, perante a minha desavisada percepção.

Percebendo o meu desalento em ter que tratar dos assuntos relativos a uma sempre ressaltada suposta parceria entre aqueles seres e a minha condição de encarnado — o que não mais aceitava — os mesmos permaneceram vibrantes ao meu redor enquanto aguardavam, pacientemente, que a minha atenção se desviasse do filme que já se aproximava do seu final.

Sem dispor do tempo pretendido para refletir sobre a singular relação entre as almas de animais que serviam de “gênio astral ou como guias espirituais” e seus correspondentes encarnados, conforme propunha o roteiro do filme, perguntava-me, com a dose de humor que me era possível arquitetar, que tipo de forma deveria ter o meu “gênio” para me “libertar da influência e da perseguição” daqueles seres.

Afinal, eles tinham ciência — pelo menos assim imaginava — que não havia de minha parte a menor vontade de levar adiante qualquer coisa ou projeto, enquanto algumas dúvidas angustiantes que me marcavam o psiquismo terreno não pudessem ser esclarecidas. Indiferentes a isso e a tudo mais o que me dissesse respeito, alguém, dentre eles, desfraldou uma espécie de pergaminho onde se fazia visível, aos meus olhos, uma estranha assinatura, aposta sobre um texto composto, salvo engano, pelo que seriam por mim considerados três parágrafos.

De modo instantâneo escutei na intimidade do meu cérebro uma voz impessoal a me afirmar que aquilo seria o meu compromisso espiritual assumido com as hostes de uma entidade tida por eles como uma espécie de deus local deste universo — ou algo que a isso se assemelhe — e que já me encontrava bastante atrasado no cumprimento do mesmo.

Sorri comigo mesmo imaginado, em cores mais fortes ainda, o “meu gênio”, dentro dos moldes do filme há pouco assistido, a afastar aquelas entidades para local incerto, porém, longínquo, em relação ao qual me encontrava.

Percebendo, contudo, o “bom-humor zero” daqueles seres e a indiferença pelo que eu pudesse sentir, esforcei-me para não ser desagradável além da conta e permaneci “mentalmente mudo”, enquanto eles desfilavam alguns argumentos no meu psiquismo quanto aos “porquês” da necessidade do meu envolvimento

De algumas ofertadas naquela ocasião uma chamou-me a atenção sobremaneira: “...como agora tu, na tua condição terrena, já conheces o Senhor Javé, estava, portanto, habilitado a esclarecer algumas questões com conhecimento de causa... e por isso deverás participar dos encontros preparatórios, com a tua mente encarnada ativa em tua condição cósmica-espiritual, e com o conteúdo de lá retirado, deverás compor os livros com a marca que te é própria...”.

Pensei comigo mesmo: “não conheço o Senhor Javé e nem sei se os efeitos desastrosos que pesam sobre os meus ombros foram realmente causados por ele ou por alguma entidade poderosa no seu aspecto mental que se fazia passar pelo mesmo junto ao meu psiquismo”.

A “voz” voltou a se fazer presente no meu psiquismo dizendo: “tu realmente conheces a Javé, não te enganes. Portanto, debes saber que em nenhuma hipótese Javé permitiria, pelos laços que os unem, que alguém se fizesse passar por ele junto a ti, a não ser com a sua expressa autorização. Não esqueças: nada ocorre na obra do Senhor Javé que não lhe esteja afeito de algum modo. É hora de levar à sério a questão entre vocês”.

Desisti de chegar a alguma conclusão sobre o que me estava sendo transmitido e, simplesmente, deixei o tempo passar enquanto algumas outras considerações da parte daqueles irmãos passeavam pela minha mente.

Dias depois comecei a escrever o que aqui está sendo apresentado, com base nas vivências despertadas no meu psiquismo, e que agora oferto aos que buscam entender painéis de um passado ainda não esclarecido para esta humanidade, além de arquitetar a necessária compreensão quanto aos fatos do presente e um possível vislumbre sobre o que nos espera no futuro imediato, após os primeiros momentos da reintegração da Terra ao convívio com seres de outros orbes. Óbvio que, tudo isso sob os auspícios de Javé — ele faz questão que isso seja ressaltado — cuja personalidade não pode,

conforme penso, nem poderá jamais ser devidamente compreendida pelos seres humanos da Terra.

A quem interessar possa, foi depois das ocorrências aqui descritas que comecei a escrever os livros a cerca do drama do Senhor Javé e de outras entidades que foram e são suas parceiras no desenrolar de toda uma história universal ainda por ser descortinada pelos que vivem na Terra.

Para minha total surpresa, quando da última etapa do “encontro com Javé” estava sendo rememorada pela minha condição humana, percebi que iria ocorrer um outro encontro mais inopinado ainda, sendo que este último somente veio a ter lugar em meados do ano de 2013, o que será relatado mais adiante.

Por enquanto, relato o conjunto dos eventos vividos em 2008.

4 - RECANTO DE PAZ

Recanto de Paz

Já conhecia a cidade espiritual que se situava em ambiente astral próxima à cidade de Natal, a capital do Rio Grande do Norte. No estado de consciência liberta durante o repouso do corpo físico, já havia por lá transitado algumas vezes em visita a espíritos familiares ali congregados ou mesmo devido a estudos realizados em parceria com membros de alguns institutos espirituais daquela localidade.

A exemplo de outras cidades espirituais distribuídas nas muitas esferas astrais que envolvem o planeta físico, Recanto de Paz tinha o perfil que lhe era próprio, sendo uma de suas principais características a existência de um grande artefato perpetuamente estacionado sobre a cidade, a uma altura que, em termos de medida terrena, se aproximava de algo em torno de 1.500 a 2.00 metros. Aquela grande base se assemelhava, para quem a olhava de baixo, a uma imensa folha verde que parecia teimar em não cair, como se um vento sempre a mantivesse suspensa na atmosfera daquele lugar.

Aquele artefato funcionava como uma espécie de local apropriado para encontros entre espíritos desencarnados, vinculados à Terra, e seres de outros orbes ligados às ocorrências do passado imemorial do nosso planeta. Ali haviam sido construídos todos os tipos de circuitos necessários à harmonização dos modos de pensar, das muitas linguagens expressadas pela fala ou pelo pensamento e dos diversos níveis energético-vibratórios das muitas entidades e de seus variados padrões de corpos. A “Folha da Oliveira”, com é conhecido aquele artefato estacionado sobre a cidade espiritual de Recanto de Paz é, na verdade, uma base ricamente adornada com o que de mais moderno existe no campo da tecnologia cósmica, permanentemente estacionada numa espécie de interseção do nosso espaço-tempo com a dimensão espiritual em que se insere Recanto de Paz.

Mas há um outro detalhe: também confluía para aquela “base interdimensional”, o portal da faixa de realidade na qual residia a expressão individualizada do ser tido como o criador do nosso universo. E o enigmático é que, conforme rezavam as tradições locais, aquele portal jamais havia sido utilizado, apesar de haver sido construído em “tempos imemoriais” até mesmo para os espíritos desencarnados e seres astralizados

que, conjuntamente, residiam naquele artefato que de algum modo se encontrava vinculado à natureza de Recanto de Paz.

Nem mesmo no fuso-horário do calendário do tempo espiritual daquela cidade existia qualquer indicação de quando aquele artefato havia ali aportado e nem muito menos de onde ele viera. O mistério persiste até os “dias” em que o inusitado ali teve lugar, e que aqui será narrado.

Em termos de fuso-horário terrestre, corriam os últimos dias do mês de junho do ano de 2008, quando, por decisão maior, abriu-se o meu circuito mental e passei a ter acesso às vivências já ocorridas naquela base referentes aos encontros ali tidos com entidades de diversas origens planetárias, além de um número considerável de espíritos desencarnados e seres de outras faixas astrais, todos congregados em torno do que chamarei de um conclave que estava ocorrendo desde meados de abril.

O curioso é que, sob à ótica da perspectiva terrena, eu me achava “livre do assédio” da hoste do criador e/ou mesmo “de férias”. Posteriormente, fui informado de que aquela aparente “folga psíquica” fora providenciada para “facilitar a minha participação no que será agora relatado”. Isso é um aspecto muito sério mas não poderei aqui aprofundar o seu significado.

O tal conclave, pelas informações percebidas, tinha como objetivo levar a efeito as últimas reflexões sobre as providências necessárias ao iminente “primeiro contato oficial” dos terráqueos com os seres de outros orbes — pelo menos foi isso que o meu entendimento pode atinar — daí o fluxo constante de espíritos encarnados em desdobramento espiritual durante o repouso do corpo físico, como era o meu caso, além de espíritos desencarnados habitantes das esferas mais sutis da espiritualidade terrena, como também de seres astrais residentes ou vinculados a certas faixas de realidades que tinham a ver com o passado desconhecido da Terra e dos seres extraterrenos com seus muitos naipes vibratórios, com algum tipo de vinculação ou interesse com as questões terrestres.

Já quando das abordagens finais do conclave, quando todo o conjunto de temas pontuais havia sido conveniente e produtivamente abordado, é que começa a presente narrativa do que, para a surpresa de todos os presentes — pelo menos foi o que pude supor — ali teve lugar.

Encontrávamos todos praticamente nos preparando para as despedidas fraternais de praxe, que sempre ocorrem nesses eventos, quando um dos membros do Conselho Planetário retomou o lugar que até há pouco ocupava junto aos demais que tinham assento no que poderia ser chamado de tribuna principal daquele lugar. Este se assemelhava a um grande auditório dotado de estranhíssimos processos de uma tecnologia que fugia aos hábitos da Terra.

Imediatamente a sua portentosa vibração se fez sentida por todos os presentes, os quais, agora já espalhados em relação aos locais onde se encontravam anteriormente — e que foram estrategicamente distribuídos de acordo com as suas vibrações pessoais — nele tornaram a fixar as suas atenções enquanto retornavam aos lugares anteriormente ocupados, para tornar possível o que na Terra chamaríamos de “tradução simultânea”, apesar desta metáfora pouco servir para simbolizar o que ali estava ocorrendo.

— Imploro a atenção de todos, mais uma vez, pois fomos avisados, exatamente há poucos instantes, que o Senhor Javé já se encontra em rota de aproximação a este local. Diante do inusitado, fomos solicitados a aqui permanecer por mais um tempo, pois o nosso arquiteto universal deseja este primeiro e singular encontro conosco antes da reintegração da Terra. — assim referiu-se o Mestre Mandreya Ramanatayana, um dos membros do Conselho Planetário.

Senti um impacto energético, algo desagradável, quando tomei ciência de que iria me encontrar, naquelas condições, com o Senhor Javé. Como já descrito, meus últimos tempos terrenos tinham sido bastante desagradáveis, quando o desconforto psicológico, a perplexidade e certa dose de indignação, haviam sido a tônica da minha vida interior, enquanto homem da Terra. E todo o contexto que me rodeava, desagradável e caótico, pelas diversas informações que dispunha, parecia ter como causa a estratégia em curso do Senhor Javé que, aos meus olhos terrenos, nada tinha de elegante ou mesmo aceitável. Muito pelo contrário!

Por mais que houvesse me esforçado para não concluir qualquer tipo de avaliação sobre o peso da sua tentativa de dominar um terráqueo nos moldes em que acabei conhecendo, ali estava procurando não “me piorar na matéria”, ainda mais porque não conseguia ser condescendente com aquele

tipo de tirania estéril e profundamente doentia — conforme pensava e penso!

Tudo o que vinha daquele ser e/ou dos seus anjos, mais parecia um capricho ou um grande equívoco, o que, convenhamos, não era de boa procedência no campo da prudência, atribuir a um ser que é tido como o “deus criador deste universo” e de tudo o que nele existe, quaisquer das hipóteses que teimavam por permanecer na minha mente.

O fato é que, quando na Terra, por conta da máscara corporal, podemos disfarçar os nossos reais pensamentos. Mas, nos ambientes espirituais, tal não é possível e não foi pequena a aflição sentida na minha mente, quando o anúncio da chegada do Senhor Javé se deu, apesar de desnecessário, até porque a exuberância vibratória daquele ser simplesmente era impossível passar despercebida, e penso que todos os presentes começaram a sentir, em uníssono, a sua vibração indescritível cuja repercussão em mim nada teve de agradável.

Firmei-me em mim mesmo, enquanto percebi que estava recebendo — para minha total surpresa — o fluxo vibratório de apoio e de solidariedade de muitos dos presentes. Aquilo se dava, seguramente, pensei, por estarem a par das ocorrências dos últimos dezoito anos, que foi o tempo em que minha personalidade terrena foi preparada para o trabalho em curso e, mais especificamente, por conhecerem o meu total desconforto e discordância em relação à estratégia do Senhor Javé, imposta sobre os meus ombros, ao longo dos últimos anos.

Fez-se um silêncio profundo enquanto uma miríade de seres de muitos naipes adentrava o ambiente, todos em atitude extremamente respeitosa. À medida em que se faziam presentes naquele lugar, procediam como se estivessem se distribuindo em torno do átrio central daquela grande edificação. Na sua parte central, esta, parecia ser algo que na Terra corresponderia a um gigantesco “tapete”, composto por material semelhante ao metal do qual pareciam “sair” muitas peças de quartzo à moda de cristais ricamente adornados com cintilações energéticas difíceis de serem entendidas pela mente dos terráqueos.

Não parecia existir nada “sobre as nossas cabeças”, pois víamos “um céu” apesar de que em padrão bem diferente de luminosidade em relação ao

que costumamos perceber da Terra.

No centro do átrio, um ser de proporções muita acima da altura da média dos humanos da Terra foi se adensando, ao mesmo tempo em que as cintilações ao seu redor iam diminuindo diante dos nossos olhos, como se o mesmo estivesse se adequando à forma com que pretendia se apresentar perante aquela assembléia. Instantes depois, eis que alguém de forma humanóide, com pouco mais de dois metros de altura, apresentando-se à moda dos nórdicos terrenos, com uma cabeleira longa aloirada com mesclas esbranquiçadas cobrindo-lhe os ombros, fez-se presente no ambiente.

— Sou aquele a quem no decurso dos tempos da Terra ficou conhecido por Javé.

Para minha total surpresa, após a afirmação inicial, percebi que não era somente eu entre os presentes a estar surpreso com a presença daquele ser que, pelo que sempre foi “conversado” nos ambientes espirituais “mais próximos” à Terra, jamais havia se apresentado “clara e objetivamente” a um grupo de “humanos terráqueos” como o fazia naquele momento, ainda que estes estivessem naquele artefato voador ali estacionado. No passado, ao tempo de Moisés ele o havia feito, mas de outro modo, utilizando-se de assessores e de artifícios tecnológicos.

Outro aspecto inusitado que vim a perceber depois é que, apesar dele não atinar e nem perceber as “faixas espirituais mais elevadas”, diversos espíritos nelas residentes ali se adensavam, dentro das circunstâncias mentais-tecnológicas únicas daquele lugar, mas o Senhor Javé parecia não “perceber” este aspecto daquele encontro. Assim penso porque ele em nenhum momento se referiu a “espíritos”. Para ele era como se todos ali presentes “vivessem na Terra” e/ou em outros mundos do universo ou em dimensões a este vinculadas, penso eu.

Estranhamente, aquele ser agiu como se fechasse os seus olhos por alguns breves momentos em que o silêncio profundo e inquietante foi a tônica naquele ambiente. Após um “período de tempo” difícil de ser qualificado, ele tornou a se expressar de tal modo que a sua “voz mental” parecia explodir no meu psiquismo, e creio que o mesmo acontecia com os demais que ali se encontravam.

— Sou o que sou desde os tempos em que criei este universo-mãe¹, no qual existis, e assim serei enquanto sobre os meus ombros estiver a responsabilidade de conduzir até o fim da experiência criadora a obra existencial por mim arquitetada.

Novo e inquietante silêncio enquanto, de minha parte, tinha dificuldade de fixar o foco do “meu olhar” naquele ser.

— Muitos dentre vós já o sabem; outros, não. Por isso agora o reafirmo: eu sou aquele que é e assim serei enquanto nos meus universos² me fizer presente. Tudo o que mais além de mim é hoje, o que é mais ainda virá a ser, porque o “vir a ser”³ é manifestação da minha vontade sempre presente na realidade ascencional de cada ser por mim criado para viver neste universo mais denso. Eu não! Sou o que sou e não virei a ser nada além do que sou! Afirmo, porém, que tudo o mais que ainda virá a ser além de mim mesmo, assim será por força da minha vontade, para que ao Pai dos Deuses Criadores, ao Pai de todos nós, ao Pai de todos os universos e realidades, possa eu prestar contas no tempo devido e homenageá-lo.

Perante o meu psiquismo, as “expressões de Javé” se sucediam muito rapidamente, e o modo com elas “explodiam” na minha mente deixavam-me hesitante sem que me ocorresse a “certeza natural” de que estávamos entendendo o que alguém está nos dizendo, como de sorte acontece normalmente nas conversas terrenas. Fiquei em dúvida durante todo aquele encontro porque já havia percebido tantos perfis psicológicos contraditórios naquele ser que aquele agora demonstrado somente me parecia o que ele mais usava para se apresentar como “alguém dominador”.

— Quando esses tempos estiverem chegados para mim, deixarei de ser o que sou para tornar a ser o que sempre fui desde os tempos anteriores à criação deste universo mais denso e das demais dimensões que o envolvem. Assim o digo, pois estou diante, pela primeira vez, desde há muitos milênios dos tempos terrestres, de seres que contra mim e os meus se posicionaram de modo contrário, em muitas conflagrações, e ainda não se curaram de todo da doença recalcitrante. Além do que, alguns deles, até os tempos atuais, ainda teimam por não se subordinarem aos meus desígnios. Aceito-os, contudo, com a expressão amorosa possível à minha natureza, mas não os aplaudo e muito menos posso estimulá-los a seguirem com a postura da não subordinação aos meus desígnios. Assim o digo!

— Aqui estou — continuou o Senhor Javé, após uma pausa em que seus olhos repousaram sobre toda aquela assembléia reunida — para pormos um fim à etapa de isolamento da Terra, para que esta possa voltar a ter os seus circuitos celestiais novamente abertos ao intercâmbio cósmico. É chegada a hora do fim do isolamento, assim o digo!

— Dentre vós, muitos foram por mim escolhidos para serem a extensão de mim mesmo, nas tarefas necessárias a serem executadas na Terra que permitiram, por fim, que chegássemos aos dias atuais com boas perspectivas quanto ao futuro. Aqueles a quem chamais de Adão, Enoch, Noé, Abraão, Moisés, Jesus, Maomé, dentre muitos outros que me ajudaram na condução dos caminhos que tracei para a redenção desta humanidade, foram e são meus agentes da minha vontade, que tornou possível chegarmos ao presente. Outros tantos sempre se posicionaram contra os meus agentes, nas muitas páginas da história. E foi dentre estes últimos, reaproveitados por força da insistência amorosa daquele a quem chamais de Jesus, que por circunstâncias diversas fui obrigado a escolher para ser o meu agente nesses últimos tempos, mesmo com toda dose de teimosia e de orgulho que ainda marca o seu espírito e as suas demais personalidades construídas ao longo das vidas terrenas. Ainda assim, o escolhi para que fosse ele o responsável inicial pelos processos de esclarecimento espiritual e cósmico para os terráqueos, com o intuito de viabilizar a reintegração da Terra.

Enquanto o Senhor Javé se expressava, com a atitude mental que lhe era própria, e que penetrava as nossas mentes sem que nos fosse possível desviar a atenção do que por ele era transmitido (apesar da insegurança no campo do entendimento), cheguei a entrar em estado de desequilíbrio pela inquietante sensação que em mim se instalou.

Afinal, a minha condição humana estava sendo — a meus olhos — desagradavelmente “perseguida”, conforme podia avaliar, pela insistência de seres extraterrenos que agiram nos últimos anos de modo a “me controlar” para servir ao Senhor Javé, o que me era profundamente constrangedor sob a perspectiva dos meus valores pessoais. Além do que, a insistência daqueles seres havia transformado a minha vida terrena em um “inferno” que se expressava lenta e desagradavelmente no meu cotidiano. Mais ainda: a interferência indevida e aos meus olhos defraudadora que a

cada momento podia perceber nos fatos que me eram próximos, terminaram criando no meu psiquismo uma “perigosa desistência” em esperar algo decente, que a minha lógica terrena assim pudesse considerar. Como se ainda não fosse suficiente, ali me encontrava agora sendo novamente admoestado pelos mesmos seres e seu comandante, o que me perturbava consideravelmente.

Quando cheguei mesmo a pensar que o meu espírito fosse passar por alguma situação de desequilíbrio “mais sério” naquela circunstância — foi o que na hora pude pensar — senti uma portentosa vibração espiritual próxima a mim, a qual, simplesmente, parecia ter o condão de tranquilizar-me, como se aquela energia pudesse se contrapor à inquietante vibração vinda do Senhor Javé.

Quedei-me, entre aturdido e surpreso, mas sem conseguir atinar com o que estava ocorrendo à minha volta. Simplesmente pude perceber expressões de cumplicidade amorosa, como se uma espécie de conspiração fraternal estivesse em curso e que me envolvia com suas vibrações, promovida por seres que pareciam se encontrar no recinto, mas de cujas identidades eu nada sabia.

— Convoco — continuou o Senhor Javé, na medida em que os detalhes da feição por ele assumida tornavam-se cada vez mais claras diante das nossas percepções — para que se faça presente à minha frente, aquele a quem tive que escolher para ser o meu agente nesses primeiros tempos da reintegração. Espero, assim, que de uma vez por todas, venha ele a resolver as suas pendências criminosamente acumuladas para comigo, seu Senhor e Pai, ao longo de tantos movimentos rebeldes que a nada conduziram. Assim o faço, desprovido da minha condição de criador, de senhor deste universo a que pertenceis, colocando o foco da minha natureza na irmandade que nos une a todos em torno do objetivo comum de redenção de todos vocês. E como não devem existir questões misteriosas entre nós, que o meu agente se expresse claramente, diante de mim e de todos os presentes, como forma de chegarmos a bom termo com os meus desígnios. Adiante, filho de mim mesmo. Nada temas!

A “forma perispiritual” — ou algo que a isso se assemelhe — nos moldes da minha atual personificação terrena, permaneceu como se

incapacitada de deslocar-se, através da volitação, à presença do Senhor Javé, conforme ordenado.

Na verdade, enquanto escrevo estas páginas, uma dúvida angustiante me assalta o psiquismo terreno, pela opção que fiz em relatar os fatos como se este tivessem ocorrido numa espécie de “faixa de realidade espiritual/astral muito densa”, imediatamente adjacente à realidade material. Tudo o que agora penso saber, como já informei, é que “aquela faixa de realidade” havia sido gerada exclusivamente para aquele encontro, apesar de não ter a menor ideia de “por quem” ou “pelo o quê” aquilo havia sido criado. Sentia-me, porém, exatamente como me sinto na condição humana e é nesse aspecto que reside a minha “insegurança narrativa”.

Para meu encantamento, algo começou a aquecer-me o íntimo, tranquilizando-me, e pude então ver um dos presentes se dirigir até próximo de onde se encontrava a “projeção” do Senhor Javé, fazendo um gesto o qual, nos costumes terráqueos, seria visto como “ajoelhar-se” diante de Javé. Este o encarou durante algum tempo até que fazendo um movimento estranho e meio desconexo com a cabeça, expressou-se:

— Não, ó Mestre Codificador, não o faças perante mim... penso que és um dos maiores dos ditos em união com o Deus Maior... Esta é a primeira vez que nos encontramos e perante ti não preciso apresentar-me como dominador. – expressou Javé gravemente.

Enchi-me de júbilo e de pronto compreendi as sensações anteriormente sentidas. Ali estava o meu velho mestre e amigo¹ dos tempos do mundo de Zian, antes da minha personalidade espiritual/cósmica ter sido exilada para a Terra no meio da conflagração luciferiana. Para minha surpresa, ele ali estava e, mais ainda, interferindo numa situação cujo significado e importância simplesmente não conseguia atinar.

— Sim, ó Senhor Javé. És Co-Criador com o Deus Incognoscível e mereces de todos nós os louvores e o reconhecimento por tudo que fazes e fizestes em benefício dos viventes. Resido no universo denso por ti criado como forma de mais aprender e de serviço no apoio aos que estão construindo a redenção de suas consciências. Peço-te vênias, ó Senhor Javé, para ressaltar que a condição espiritual daquele a quem convocaste para se posicionar diante de ti, por se encontrar vinculado ao corpo carnal que lhe é

comum, e mais ainda estando diante da tua presença pela primeira vez nos moldes em que agora ocorre, e vivendo os dias difíceis da transição terrena, peço-te que leve isso em consideração, pois não lhe deverá ser fácil expressar-se diante de ti. Peço-te, pois, que conduzas de outro modo o presente encontro, em obediência aos altos preceitos que nos unem em torno da evolução espiritual que envolve a todos nós. — disse o Velho Codificador, cuja feição, à minha sensibilidade, parecia ser o que de mais belo e singelo alguém poderia ostentar.

— Não te preocupes, ó Mestre Divino, o que agora faço é um desejo que minha natureza pessoal há muito acalenta, pois pretendo utilizar-me do teu afilhado espiritual como foco de demonstração para os que vivem na Terra em relação a como os vejo..., de como gostaria de tratar com cada um desses filhos que me estão com os seus corações ainda muito distantes de mim.

— Tranquiliza-te porque as minhas intenções que sei, por força da natureza que me marca a personalidade inserida no contexto da minha criação, não podem ser por vós percebidas, nem mesmo por ti que és grande na unificação com o Deus Supremo, são as melhores que posso ter em relação a ele, e já não busco disciplinar especificamente ao teu afilhado... Confesso que, em parte, já não mais insisto... Em benefício das intenções que nos são comuns. — “disse” o Senhor Javé olhando friamente na minha direção.

— Ainda assim, ó Senhor Javé, rogo-te suavidade para com a sua condição frágil de espírito vinculado a um corpo da tua magnífica criação... Além do que, insisto, os seus dias na Terra não têm sido fáceis por força da tua estratégia que o envolveu nos moldes sabidos por ti. E lembro-te, ó ser criador, que a tua força mental varia junto com o teu estado de consciência... cuida pois em não agredi-lo inadvertidamente já que a tua natureza ainda não absorveu plenamente a que é comum à condição humana — novamente ponderou, para minha perplexidade, o Velho Mestre de Zian.

— Tranquiliza-te... Deixa-me lidar com um dos meus agentes na Terra, daquele que, no momento, mais dependo do seu livre-arbítrio para levar a bom termo o que pretendo. Garanto-te que serei eu, no final, a me surpreender com o que aqui acontecerá, muito mais do que todos vós — expressou o Senhor Javé dando ênfase às últimas palavras.

— Faz-se mister que, alguém submetido aos ditames da raça que pretendi criar em outros moldes comportamentais bem diferentes de como hoje se porta esta humanidade, um dos que no passado teve parte entre os rebeldes, e que diante de mim represente os humanos da Terra, por minha própria escolha, possa dizer-me claramente o que pensa e ouvir de mim o que penso e desejo para essa família planetária teimosa e recalcitrante. Faz-te presente agora perante mim, tu que rejeitastes e rejeitas o concurso que te solicitei nos moldes por mim pretendidos.

A um olhar do Velho Mestre, que permaneceu no lugar onde se encontrava quando se dirigiu a Javé, como se a me convidar para me deslocar² até ele e ali permanecer ao seu lado naquele momento ímpar e algo absurdo para os meus padrões, deixei-me movimentar na direção pretendida. Para meu próprio espanto, pretendi ajoelhar-me diante do Senhor Javé, mas simplesmente não conseguia levar a efeito o ato pretendido. Que estranha paralisia era aquela que me dominava a atitude perispiritual³ — se realmente era aquele o caso — e que me impedia de apresentar os meus respeitos àquele que era o deus-criador deste universo? Consegui algo fazer, inclinando levemente a minha cabeça, mas sem deixar de fixá-lo, enquanto percebia, de sua parte, uma expressão algo melancólica que se alternava com ares de uma dolorosa ironia, e o espantoso para mim, com certo aspecto amoroso.

— Um dos “Grandes” aqui presente, majestoso que é em si mesmo e na sua união com o Pai Supremo, saudou-me com sua grandeza d’alma, fazendo-me sentir menor diante dele e de todos que aqui estão. — “disse” o Senhor Javé em relação à atitude do Mestre Codificador que havia se ajoelhado diante dele.

— Tu mal consegues me endereçar uma saudação qualquer... Reconhecimento ao que sou e ao que represento, sei que de tua parte nem posso pensar em receber. Contudo, sei também que não me faltas com o respeito que me é devido por força da tua natureza. Não! Sei que não me agrides assim porque queres já que desde que te acompanho sei como te esforças para não agredir aos que te cercam a vida na Terra. Apenas te parece ser impossível submeter-se aos meus desígnios e à minha vontade... É isso que devo pensar? — questionou-me o Senhor Javé.

Permaneci em silêncio, agora com os olhos postos naquele tipo de chão translúcido próximo aonde se encontrava o Senhor Javé.

— Expressa-te, pois, livremente, porque aqui, como o sabes, nada existe para ser disfarçado. Finalmente, concedo isso a ti como também aos demais que aqui estão. Sei que, de todos, tu és o que no momento mais se sente agredido pelo meu modo de ser e de agir. Mas aproveita, antes que me arrependa, e expressa tudo o que vai no teu íntimo pois isso está claramente à vista de todos... E tu sabes disso. Fala, portanto, o que quiseres falar. O que tinhas para me agredir... Bem, já o fizestes. Mas isso é entre mim e ti... Peço-te, pois: já que não me homenageias com a tua atitude não te preocupes em me homenagear com as tuas palavras, pois sei que nada de ti devo esperar nesse sentido. – tornou a se expressar o Senhor Javé entre irônico e trágico, e com o indisfarçável ar de melancolia.

Julguei aquilo tudo um grande absurdo, um deus-criador agir daquela forma, o que sempre foi e é, para meus padrões, traços de um psiquismo afetado e doentio. Procurei firmar-me no apoio vibratório que sabia estar recebendo dos presentes e, em certo momento da minha hesitação, um sentimento de tranquilidade dominou-me o psiquismo e, com uma ousadia que não me poderia supor possuir, encarei novamente aquele ser, mas nada potencializei em “termos mentais”. O foco da minha atenção “escapou” na tentativa de compreender como eu poderia me sentir tão tranqüilo e em paz diante daquela experiência singular e permaneci em silêncio.

— Recusas-me as tuas expressões pessoais, ò Ellam. Na perspectiva dos humanos, somente alguns poucos dos que viveram na Terra trouxe-os até mim. E eis que agora sou eu que vim até a ti e aos teus irmãos de raça e de origem espiritual. Detestas-me tanto assim? Em que pensas tu enquanto observas a forma na qual agora me apresento diante de todos? Estamos próximos a esse ambiente que tu chamas de Recanto de Paz. Seja, pois, contigo a paz daquele em quem confias, já que, como me dissestes tempos atrás através das tuas vibrações, nem eu nem os meus arcontes temos estatura moral e psicológica para saudar qualquer terráqueo com o sentimento de paz – tornou a expressar o Senhor Javé, agora já com resquícios de fúria.

Quedei-me surpreso por tomar consciência que qualquer dos presentes poderia “ler as vibrações de mim emanadas”, mas o Senhor Javé e

provavelmente os seus assessores que ali estavam, pareciam isto não perceber.

— Enganas-te comigo, ó Javé, e isto digo com o respeito e amor que por ti posso arquitetar nas condições em que me encontro, seja agora, aqui, e mais especificamente na minha condição humana atual. E enquanto isso te expresso, espanta-me perceber como pouco sabes do que me vai na intimidade espiritual, tu que és deus deste universo, arquiteto dos seres viventes nele inseridos, mas parece não atinares com o que vai no íntimo de alguém do meu tamanho, um verme comparado a ti e aos demais que aqui se encontram...

— Verme difícil de ser educado... — interrompeu-me o Senhor Javé com expressão novamente próxima ao que na Terra poderia ser chamada de divertida, mas longe de possuir qualquer “toque” de humor.

— Que seja. — emendei. — Ainda que não possas perceber a minha verdade espiritual, acredita-me, pois, ó Javé, esforço-me por amar-te, não pela função a que te auto-impuseste, já que te obrigas a ser o deus deste universo por ti criado, mas sim, porque sei das expressões de amor que por ti o meu Mestre Jesus demonstra ter. Por tua condição de deus deste universo, respeito a ti e me submeto aos teus ditames na medida em que nele estou inserido. Peço-te desculpas por não poder compreender as tuas estratégias, que me envolvem a condição humana, e parecer aos teus olhos alguém que te desobedece ou que se aparta de ti. Lembra-te, ó Senhor Javé, não tenho como faltar com a minha verdade para contigo, seja aqui, nestas condições ou na condição terrena.

— Continuas rebelde aos meus desígnios e sei que, de tua parte, achas-me alguém também rebelde em relação aos desígnios do Pai Supremo. Isso é indisfarçável em ti e sei da tua honestidade moral em não procurar me esconder esse painel do teu psiquismo. Mas não te agradeço por isso, pois sabes que o que quero de ti não me dás, que é a tua confiança cega em mim. Isso venho esperando de ti e de outros desde que os criei. E já te disse reiterada vezes, diretamente a ti e através de outros humanos que contigo coexistem na Terra, que eu preciso que seja assim. E novamente digo: preciso disso, pois todos os que treinei, dos que me são fiéis — o que não é o teu caso — para atuarem nas etapas do julgamento que decretei para esta humanidade, nesses tempos atuais da Terra, não lograram alcançar a

condição que estimei e determinei para o desempenho das funções. Mais que isso, correntes perturbadoras das trevas rebeladas praticamente inviabilizaram o concurso desses que me são tão caros e renasceram na Terra para esse mister. Sobrou-me tu e alguns poucos mais, que não me têm o afeto e amor necessário à parceria a que me proponho. E sem que a minha estratégia vingue e dê os resultados que precisam ser alcançados, nem tu e nem esta humanidade irá a lugar algum até que a questão da espécie humana da Terra seja resolvida nos padrões necessários a essa etapa evolutiva. Compreendam ou não os humanos da Terra, mas é assim que tem de ser e assim será. Preciso de ti para esse trabalho e tu não me consegues ofertar a confiança cega em mim, sem a qual, não sei, de minha parte, por força da minha natureza, como executar a tarefa redentora a que me proponho.

“Escutei” tudo aquilo enquanto me fixava nos olhos do Senhor Javé que assumiram uma tonalidade estranha aos padrões terrenos, como se uma névoa tendente á cor cinza preenchesse, de vez em quando, o que chamamos de globo ocular.

Enquanto o observava, “pensei comigo mesmo” que não havia sido o Senhor Javé que criara os nossos espíritos, mas nada expressei sobre a questão. Permaneci em “silêncio vibratório” procurando organizar os pensamentos, pois ainda não havia me acostumado com a situação que estava vivenciando. Estranhamente, aquele tipo de “circo” era bem mais complexo e “pesado vibratoriamente” do que o que me era dado perceber na vida terrena.

5 - “EU SOU O QUE SOU”

“Eu sou o que Sou”

— Pergunta-me, ó humano. Não silencies agora que preciso que expresses tudo o que tens colecionado no íntimo a meu respeito. Provoquei-te, na tua sensibilidade, para que me conheceste através do sofrimento que te auto-impusestes por não se afinar com as minhas determinações. Como não me entendes, e nem te esforças na medida em que sei necessário para tanto, não te posso fazer compreender tudo o que desejo que compreendas. Somente deixa-me a opção de te envolver para que despertes.

— O que chamas de “provocação de sensibilidade”, ó Javé, perante tudo o que penso ter aprendido com os grandes mestres que fecundaram o conhecimento terreno com as elucidações morais necessárias ao progresso dos terráqueos, mas me parece crime espiritual profundo, doloroso, desnecessário, que somente desperta, no psiquismo que nos marca o modo terreno de pensar, o lado da indignação e da repulsa aos teus métodos de atuação...

— Isso é o que tu pensas... – interrompeu-me Javé.

— Isso é o que me obrigas a pensar e espanta-me que não percebas. Será que tua natureza é tão diferente da minha que te impede de perceber que os teus métodos são criminosos aos meus olhos? Ainda que esteja equivocado na minha avaliação, mas é a única que consigo arquitetar. – afirmei de minha parte com uma força mental que surpreendeu a mim mesmo e, pelo que pude perceber, a muitos dos que ali se encontravam.

— Agora não pareces falar como um humano terráqueo... – ironizou o Senhor Javé de modo enigmático.

— Estás enganado... E muito me surpreende, seja nesta condição de desprendimento espiritual em que me encontro ou mesmo quando a minha consciência está submetida às possibilidades do cérebro terreno, como tu, que te pretendes um deus, parece se enganar repetidas vezes nos teus julgamentos e métodos de conduta. – emendei.

— Justo sou, e meus julgamentos são justos embora não o possas compreender com a tua medida. Contudo, aceito a tua ponderação de que

meus métodos já não parecem ser de todo úteis para uma parcela já significativa da humanidade da Terra. – pontificou o Senhor Javé.

— Já que me permites: isso é o que tu pensas sobre os teus julgamentos e devo ressaltar que por força da tua natureza tu não tens como ser tão justo como pretendes ou pensas ser. Desconfio que eles somente servem e se aplicam a uma parcela da família planetária a qual pertenço, ó Javé. Tu pareces não ter poder sobre as dimensões espirituais situadas além dos limites da tua criação. Assim, quem viver a sua vida terrena de modo amoroso e produtivo, simplesmente seu espírito se dirigirá, ao deixar o corpo animal da tua criação, para uma esfera espiritual sobre a qual não tens poder. Assim, repito, penso que os teus julgamentos somente se aplicam aos espíritos que se aprisionam, após as suas vidas terrenas perturbadas, aos grilhões do carma negativo, que os obrigará inapelavelmente, e não porque tu assim o desejes, a permanecerem nas esferas espirituais primitivas geradas por teu poder criador.

— Permito-te a possibilidade de me reafirmares o que pensas, mas não sejas impertinente, cego que és em relação aos meus desígnios e ao meu poder, ó humano. Filhos de mim mesmo és tu e muitos dos que contigo habitam o meu jardim; filhos da minha vontade são todos os que lá se encontram. Sei que não me aceitas a paternidade que te aponto; sei que me rejeitas as aproximações que fiz de ti; sei que me ofertas um esforço singular para me aceitar como sou... Mas não consegues.

— O que tu és, ó Javé? Que tipo de natureza marcaste em ti mesmo já que és auto-gerado a partir do teu próprio poder mental? – interrompi-o de um modo que tornou a surpreender a mim mesmo.

— Sou aquele que é e sempre serei o que sou; sou o que sou, disse-o a Moisés. Vós, humanos da Terra, não me podeis compreender a natureza pessoal. Para além de vós, algumas outras civilizações que vivem no meu universo, ainda que mais evoluídas que a tua na Terra, também não me podem compreender. Outras, porém, compreendem e me respeitam. Com essas, tenho a melhor relação de paternidade e de comando, porque todos me aceitam como sou e no meu desempenho como deus deste universo. Muito me esforcei para que nesses tempos atuais a minha natureza chegasse ao ponto em que chegou e que me permite conversar com um simples terráqueo. Isso, há apenas algumas poucas centenas de milhares do vosso

tempo me era impossível. Veja, pois, como me esforcei para hoje poder conviver com a espécie na qual hoje tu vives. Naqueles tempos, esta a espécie terráquea era apenas um sonho na minha mente...

— É provável, ó Senhor Javé, pois somente os que já são muito evoluídos, inclusive mais que tu próprio sob a perspectiva da moral, são quem se submetem, por amor e reconhecimento, ao teu jugo doentio, impositivo e estéril em muitos aspectos. Estes devem isso fazer, pois já conhecem que tu és refém da evolução de todos os que estão inseridos na tua criação, e isso fazem para contribuir com o progresso geral e com o teu em particular. Como tu não percebes isso?

— De onde retirastes essas informações? Quem te informou sobre isso?

Não acreditei no que estava “escutando”...

— Ninguém me disse ou me repassou coisa alguma... É somente o que posso deduzir dos fatos de que somente os “amorosos” se submetem ao teu jugo, não pode existir outra explicação. Os atrasados, do meu tipo, talvez não tenham a grandeza d’alma que somente os evoluídos têm. Como sempre assumes posição muito forte de um lado, os atrasados, como eu, assumimos outra equivalente até porque não atinamos como alguém como tu pode ainda estar a frente da condução de um processo evolutivo universal. Tu mal podes cuidar de ti mesmo como podes pretender julgar a quem quer que seja ou tomar conta de alguém? – expressei para total surpresa do meu próprio psiquismo.

Aquele ser, ao receber as minhas expressões, fechou os olhos (ou algo a isso semelhante) e assim permaneceu por muitos momentos.

Senti-me o pior dos seres, querendo que aquilo acabasse logo e que eu mesmo deixasse de existir repentinamente associado ao firme desejo de nunca mais tornar a “ser”. Foi uma sensação jamais sentida e profundamente inquietante cujas repercussões vibratórias ainda sou obrigado a administrar, na condição humana, enquanto reproduzo estas páginas.

— Tu realmente não sabes ou se sabes não valorizas nada do que fiz... Cuidei e cuido, com o meu zelo de pai e de mãe, de todas as criaturas que

existem no meu universo. Dei-lhes tudo o que tenho somente pela satisfação de vê-las existindo, homenageando a existência nas suas múltiplas formas. Senti e sinto o que sentem todas as mães e pais da natureza terrestre e de outras naturezas planetárias pelos seus filhos e, ainda assim, jamais consegui a expressão do amor natural da parte dos meus filhos e filhas da Terra. Dei-lhes meu código de vida, dei-lhes tudo o que tenho, e agora tu me dizes que não posso julgar aqueles que são meus. Claro que posso e muito mais que isso, devo julgar para levar a minha obra a bom termo.

— Mesmo aqui, ó Javé, nesta condição em que me encontro, consigo acreditar que alguém grande como tu se permita a interagir comigo, pequeno e insignificante que sou, e receber de mim o que aos teus olhos é mera agressão e falta de respeito a ti e a tudo que fizestes. Contudo, nada posso fazer ou se posso nem mesmo sei o que fazer em mim mesmo para que algo de diferente seja emanado da minha parte em relação a ti. Peço-te, ó Javé, pela grandiosidade que representas e por toda história que te marca a trajetória de divindade, despede-me da tua frente e não levemos isso adiante, pois em não podendo disfarçar para ti o que sinto e penso, somente posso expressar o que me vai no íntimo, e isso não deverá terminar de modo satisfatório...

— Não, Ellam, por mais que me desagrade receber de ti o que estou recebendo, preciso levar este momento até o fim, do que por mim for determinado. Entenda que, aqueles que me são semelhantes — naquele momento o Senhor Javé estava se referindo aos seus assessores, ministros, anjos e outras classes de seres que foram “clonados” a partir do seu “código químico de existência” — nada me dizem porque suas mentes apenas refletem o que penso e a minha vontade. Eles nada podem me dizer que eu já não saiba. E isso, tu mesmo na tua condição de animal humano desde o teu novembro de 2006 já descortinaste que é assim. Eles fazem o que mando e nada mais... Enfim, estes, com quem convivo diretamente, nada podem me dizer... Se podem não o ousam fazer por amor a mim. Os que tentaram fazer, até hoje sofrem o peso do meu poder porque o fizeram de modo equivocado e criminoso (o Senhor Javé aqui se referiu ao que na Terra é chamado de Rebelião de Lúcifer, como também a outros problemas ocorridos em tempos imemoriais).

Novamente ele “fechou os olhos” e voltou a assumir a tal postura que somente me causava estranheza. Procurei perceber a atitude dos demais seres e espíritos ali presentes e pude notar que a esquisita sensação não povoava apenas o meu psiquismo.

Por alguns instantes, o meu olhar cruzou com um dos seres que o assessoravam, e a quem, sob um aspecto, já “conhecia” na minha condição humana, pois havia sido ele quem me havia ditado parte do livro “A Sétima Trombeta do Apocalipse: a Volta do Mestre”.

Usando expressões terrenas, diria que um “frio” dominou-me a condição espiritual, pois constatei algo que pensava ter “percebido” em um dos rápidos contatos tidos com aqueles seres na minha condição humana: por trás da aparente frieza do olhar, havia um tom de desespero e de sofrimento, como se existisse um “outro par de olhos” me olhando no mais profundo daquele ser. A terrível e angustiante sensação era a de que, por sua “voz mental” somente poderia ser expressado o que fosse da vontade do Senhor Javé através dele. Mas havia algo, por trás daquela fachada angelical, que “tinha pensamentos próprios”, mas parecia não poder se expressar a não ser por meio daquele olhar.

Imediatamente o meu modo de pensar terreno produziu uma dolorosa analogia — obviamente impossível de acontecer na atualidade do progresso espiritual pelo que passa a Terra — de uma alma pensante presa a um corpo de um animal da natureza terrestre que não conseguia articular as palavras — somente podia “falar” com os olhos.

Não sei precisar quanto tempo aquilo durou e nem muito menos consigo sustentar na condição humana a sensação daqueles instantes para poder narrá-los de modo mais apropriado.

O fato é que “senti” como se aquele ser estivesse me pedindo para “aproveitar”aquele instante o máximo que me fosse suportável, mesmo sem compreendê-lo com a profundidade e a amplitude requerida pelos fatos.

O curioso e enigmático para minha memória humana até os tempos em que escrevo estas páginas é que, após a percepção que surgiu no meu psiquismo provocada pela cumplicidade energética com alguns dos seres ali presentes, surgida repentinamente, nos momentos seguintes a minha vontade foi sendo invadida por uma força que me motivava a me expressar

perante o Senhor Javé de um modo que nem mesmo na condição humana em sã consciência o faria. Algo de “coletivo” parecia “tomar conta da minha mente”, mas quanto ao modo de expressão, esse parecia ser fruto do meu modo de agir enquanto humano da Terra.

6 - A CRIAÇÃO PROBLEMÁTICA

A Criação Problemática

Sei que é muito difícil para a humanidade arquitetar o vislumbre de que os seres que lhe são aparentemente superiores em condição existencial podem errar.

Fomos todos condicionados a pensar que seres do tipo “anjos”, “santos”, “avatares”, “deuses”, dentre outros epítetos, equivocadamente tido como “superiores”, jamais erravam.

Esse entendimento é fruto de um profundo equívoco comum ao modo infantil como esta humanidade expressa o seu sentimento de religiosidade. Sendo obrigado a perceber fatos e efeitos decorrentes da convivência com esses seres, obrigo-me também a pensar que o tipo de religiosidade que se pratica na Terra é de todo estéril e contraproducente, imposto por fatos produzidos por mentes que de, verdadeiramente religiosas em relação ao Deus Real, nada têm.

Parecem ser figuras, personalidades apartadas da relação com este Ser Supremo que se situa muito acima de absolutamente tudo o que se pode conhecer com os conceitos terrenos e mesmo “divinos”, nos moldes como os humanos entendem esta expressão.

E ali estava um ser, cercado por outros tantos, que procurava aparentar possuir um poder incomensurável, mas que, aos meus olhos, mais parecia ser um “todo-poderoso” mais para “perdido” do que um alguém “centrado”, “sábio”, “espiritualizado” e “amoroso”. Além disso, ostentava a inveterada mania de “negociador”, apresentando muito mais um viés demoníaco desconcertante do que, propriamente, o de alguém digno do respeito de uma miserável criatura humana do meu naipe. Tudo aquilo era muito estranho, mas era e é desgraçadamente real!

O fato é que, quanto mais aquele ente apresentava a si mesmo como sendo o deus-criador dos céus e da Terra, mais ele aparentava ser alguém imperfeito e estranho aos valores ensinados pelos mestres espirituais que nos deixaram seus preciosos legados. Simplesmente, ele não se enquadrava

em nada do que eu pudesse achar digno de respeito, quanto mais de alguma forma de veneração.

Aquela sensação doía-me no íntimo pois percebia claramente quanto ele necessitava das “energias alheias” para manter-se atuante. Essa “impressão” impôs-se à minha sensibilidade desde a primeira vez que ele dirigiu a sua atenção para mim.

Aquele ser, fosse ele quem fosse, parecia retirar a energia de quem com ele se consorciava na troca de qualquer olhar ou conversa. Na verdade, mais tarde pude perceber que era necessário apenas se encontrar no “mesmo ambiente vibratório” que ele, para sentir o “roubo energético” em curso incessante. Era como se ele se fortalecesse enquanto todos os demais, sem exceção, se enfraqueciam. Sendo honesto com os fatos, aquela foi a mais esquisita das sensações e era mesmo difícil manter-me com algum equilíbrio perante aquela coreografia demoníaca.

Refletia sobre esse aspecto da questão enquanto observava o Senhor Javé, como se sentado em um trono que parecia flutuar dentro de um grande campo vibratório que às vezes assumia a forma de uma “bolha algo desfigurada”, ou pelo menos assim me parecia.

Já o havia percebido dentro daquela coisa, na minha condição terráquea, mas nunca com aquele nível de detalhes e muito menos havia percebido que o “trono” no qual se assentava, “parecia fazer parte da sua pessoa”, o que me era absoluta e absurdamente estranho.

— Fala, ó humano.

— O que devo dizer a ti se não sei sequer o que dizer a mim mesmo.

— O que pensam os humanos de mim?

— Sinceramente, não saberia dizer. Muitos na Terra acreditam em ti, e te têm como o deus criador de tudo o que existe. Foram levados a pensar assim devido as insistentes demonstrações do teu poder, ou do poder dos teus anjos, junto a homens como Moisés e Maomé e com os que lhe foram contemporâneos. Estes, penso eu, parecem ter enorme respeito e temor por tua pessoa.

— Estes me amam e me obedecem, honram os meus desígnios. Porque outros não agem dessa forma?

— É sério que tu estás me perguntando isso?

A face de Javé começou a se modificar e foi crescendo de maneira desagradável, enquanto assumia uma forma que parecia possuir centenas de aspectos faciais que se substituíam num ritmo indescritível. É como se a sua face mudasse de rosto centenas de dezenas de vezes a cada segundo.

Quando aquele estranho evento começou a ter lugar, os seus anjos começaram a se inquietar e novamente me vi recebendo as vibrações de “fúria”, de “indignação” — ou seja lá o que aquilo pudesse ser — de todos aqueles seres vindo na minha direção.

A sensação de desfalecimento me era iminente, e somente no que penso ser o “último momento” é que Javé voltava a algum tipo de padrão mais normal, no que era seguido pelos demais membros da sua assessoria, o que diminuía a pressão desagradável junto a minha sensibilidade, se é que posso me expressar desse modo.

— Ó humano, você não sabe, realmente não lhe é dado saber do risco que corres se dirigindo a mim nesses moldes. Mas se lhe emprestei a liberdade para comigo, conhecendo como lhe conheço, não lhe posso cobrar o respeito que sei não possúires por mim. Segue, pois.

— Apenas me é surpreendente como a tua natureza, a tua lógica, não pode perceber como as tuas atitudes descritas na Bíblia, afastam a possibilidade de qualquer ser humano, com um mínimo de senso racional e/ou espiritualizado, aplaudir ou gostar dos teus métodos.

— Mas muitos me amam... você mesmo o disse...

— Ora, não te disse que te amavam, apesar de que penso que tens razão. Contudo, se és realmente aquele ser bíblico, acho que podem te amar porque te desconhecem, porque estão envolvidos de tal forma pelo fervor devocional a que foram condicionados, que realmente podem amar um “alguém idealizado”. Mas se eles te conhecessem, como me foi dado conhecer-te, penso que o amor que demonstram sentir por ti se desfaria instantaneamente. Continuariam apenas com muito medo e pavor!

Lá vinha novamente a esquisitíssima sensação de “açoite vibratório” na minha direção, como se querendo me dobrar, fazendo-me mudar o meu modo de pensar e de sentir sobre aquilo tudo.

Aquela força parecia penetrar no meu ser, “agredindo” os meus arquivos memoriais, enquanto somente a muito custo conseguia me manter “alinhado comigo mesmo”, mas sem deixar de desejar que aquilo tudo simplesmente parasse de acontecer nem que fosse a custo do cessar da minha existência. Além do mais, deixo claro que para a minha sensibilidade daquele momento, tudo o que me restava era “eu mesmo”, ou seja, a sensação de personalidade que tenho como ego terráqueo, o que me parecia absurdamente estranho frente as vivências espirituais já acumuladas anteriormente.

— O que podemos pensar, ó Javé, se na Terra disso não temos notícias? Nada sabemos do que nos rodeia e isso tudo por força do isolamento que tuas ordens nos impuseram. Muitos até devem mesmo te amar, mas idealizando-o de uma maneira bem diferente da que me mostras. Jamais te apresentastes aos humanos e já começo mesmo a desconfiar o porquê, ou seja, pelo simples fato de que tal não te é mesmo possível. Compreendo-te, pelo menos penso que te compreendo depois de te conhecer... Mas nada sei sobre os seres evolutivos que pertencem as demais civilizações deste universo e que te aceitam como pai e criador. Não sei se eles têm o senso crítico que nós terráqueos temos para olhar e perceber, por exemplo, a natureza assassina que é comum ao padrão da biosfera terrestre, na qual todas as espécies dali matam outras para delas se alimentarem. Tudo o que me pergunto é se quando um ser vivente tem olhos para ver e enxergar o “porquê” das coisas serem como são, se em vez de “aceitação” não poderá surgir uma atitude de inconformismo quanto ao fato de que tu, enquanto criador, destes início a um processo de criação universal cujo início foi problemático, cujo curso tu não pareces coordenar, e cujo final depende do que as tuas criaturas venham a fazer já que não tivestes tempo para finalizar e adequar a ti mesmo frente as...

— Quem te disse que assim foi, ó humano? Quem te disse que não controlo a minha própria criação? Calei-me perante o que dissestes sobre as almas daqueles que, ao morrerem, desaparecem do contexto da minha criação, e dessas não mais tenho notícias, até que as vejo novamente

assumirem novos corpos herdados de mim, renascendo para os mundos da minha criação. Realmente, “perco de vista” alguns de vós, tu mesmo de vez em quando, mas sempre retornam para a minha criação, e confesso que atualmente sei existirem outras fronteiras além das minhas, outros universos os quais, por força da minha função, não os posso acessar. Disse-o ao meu amado Enoch e disso tu sabes... Sei que sabes.

— Sim... e agradeço o teu esforço e dos teus assessores para me fazerem encontrar a tradução adequada do livro de Enoch no qual pude perceber esse aspecto da questão.

— Estás enganado... e aproveite para perceber quão pouco sabes. Não fui eu ou alguém entre os meus... Deve ter sido aqueles a quem chamas de mentores espirituais que se esforçaram para que tu pudesses compreender o meu aceite quanto a oferta feita por aquele a quem amamos (Javé se referia ao ser que, no seu modo superior de existência, sempre o ajudou, a quem na Terra conhecemos como Jesus) para fornecer o suporte necessário ao grande julgamento que decretei. E se dele isso aceitei é porque sei que a minha mente não cobre a todos os aspectos que envolvem as atitudes dos humanos da Terra, desde que esses se afastaram dos meus desígnios. Prepara-te, pois, tu e os demais que vivem na Terra para o meu grande dia em que todos vós sereis julgados. Mas digo-te que a minha benevolência te alcança e tu podes ficar tranquilo. Faça apenas o sabes que quero de ti.

— Não, não o farei, pena que o não o possas saber pois isso em muito diminuiria as curvas desnecessárias em torno dos teus desígnios. Não promoverei nenhum esforço no sentido do que me pediste, ó Javé. Não promoverei com a minha miséria humana nenhum foco de religiosidade, pois penso que na Terra mais se precisa de escolas do que de igrejas e, mais que isso, precisamos de espíritos desassustados que te possam descortinar os horizontes que a tua natureza ainda não consegue vislumbrar. Se somente te obedecermos, no campo das tuas limitações, o teu progresso jamais virá. Não te iludas, ó Javé. É fato que decretastes o nosso julgamento, mas penso que quem está sendo julgado nesses dias somente pode ser vós mesmos já que o que somos na Terra, em parte, é obra de vossa autoria, não nossa. Já nascemos para as circunstâncias que o teu jogo cósmico de dados gerou e tudo o que podemos fazer é nos equilibrar num fio de vida que durante um tempo nos é dado ter.

— Se é verdade que foste tu quem realmente criou este universo não te apartes da tua responsabilidade, pois deverá existir um tempo em que a função do que fizestes terá que ser medida e o sofrimento que impusestes a tantos será o contrapeso na balança divina e não no tipo de justiça que afirmas possuir com os teus desígnios.

— Ó humano, como é duro te escutar, como é penoso receber de ti tantas injustiças, como é insuportável para mim e para os meus sermos tidos como agentes do caos quando somos nós que a tudo controlamos. Quando é que você irá compreender que está errado?

— Por que vocês não me deixam em paz, no meu lugar, equivocado como sempre estive? Quisera eu jamais ter que pensar sobre isso, conviver com vocês, estar aqui enfrentando essa situação que não tenho como compreender a não ser como um grande equívoco ou pesadelo interminável. Na Terra, preocupo-me em não ferir uma formiga e aqui sou obrigado a dizer coisas que não quero, as quais obviamente não sei se estão corretas, então por que isso não acaba? Digo mais: existem muitos na Terra que sequer admitem que alguém como tu possa existir, com esse grau de esquisitice pessoal. Eu mesmo era um deles até que usastes sabe-se lá o que, para fazer com que as naves e os seus ocupantes me impressionassem, desde o ano de 1999 até o de 2006, para me convencerem a cumprir o “que estava escrito”. Ora, quanta vergonha, ó Javé, deveria sentir alguém que se tenha como digno ou decente, para subordinar dessa forma as suas estratégias aos fins pretendidos! Sentes alguma coisa nesse campo, ó Javé? Mandar Abraão matar o filho, enganar os desavisados, testar os escolhidos, ora, convenhamos, Javé, dá-te ao respeito para ser respeitado!

— Eu preciso... compreender como pensam os humanos da Terra. Preciso mesmo absorver esses parâmetros... Mais na frente você compreenderá. Mas é muito duro escutar os seus comentários que não reafirmam o que eu sempre pensei... Você diz que eu fui engolido, tragado pela obra que da minha mente foi gerada. Parece que você tem razão e, desde a primeira vez que escutei isso vindo da sua parte, não mais posso pensar em outra coisa...

— Mas não fui eu o primeiro a dizer isso...

— Do modo como você diz e explica, sim, você é o primeiro, até porque o avanço do progresso terráqueo hoje permite a um dos humanos da Terra reunir na sua expressão pessoal o que antes não era possível. E isso é doloroso para mim, não ter como refutar certas afirmações que você tem feito, na medida em que descreve o que lhe mostro.

Por alguns momentos o que na Terra entendemos como sendo o silêncio, ali se fez presente de uma forma incômoda pelo tom da sua profundidade. O que estava ocorrendo naquela ocasião parecia ser um evento único, jamais vislumbrado desde o início dos tempos deste universo, pelo menos foi essa a impressão que senti e que, após o final do encontro, alguns mentores espirituais ratificaram.

Parecia, efetivamente, ser um momento único para Javé, que continuou a se expressar como se “falando para si mesmo”.

— Criei uma dimensão de mim mesmo e nela me projetei para do seu âmbito interno dela cuidar. Ao me ver inserido na obra desconfiei que não me seria possível levá-la a bom termo. Passei a aplicar o rumo do que me era possível. Fui apreendendo, de tudo o que fazia, um pouco ou tudo do que estava feito em mim mesmo. A cada espécie de filhos que surgia uma nova assimilação, um redimensionamento, uma nova face. Fiz-me em muitos e de todos recebi a contraparte por eles trabalhadas mas que não me alterava sobremaneira. Assim foi até que os seres biológicos surgiram a partir do meu código de vida lançado neste universo. Cada natureza e face que surgiam com as experiências, mais eu me tornava múltiplo e multifacetado e sempre usando da minha força para ser um só. Nunca, porém, uma raça me assustou tanto quanto a que vi surgir na Terra para além do meu poder de compreensão e este é meu dilema enquanto criador: todas as raças e espécies que de mim surgiram compreendo-as e absorvo-as todas, à exceção dos humanos que surgiram na Terra ainda que edificadas a partir do meu código de vida. A muito custo fui compreendendo que outras forças haviam atuado nesse processo sem que disso eu tivesse a consciência o que implicaria em fraqueza do meu comando, o que desequilibra a minha natureza, o confesso. Os meus anjos não me podem compreender, nenhuma outra espécie do que criei e conheço pode, e muito me assustou perceber, e aos que me são próximos, que vocês terráqueos podem... e você parece ser a

prova viva disso com tudo o que tem escrito e falado a meu respeito e do que fiz e faço.

7 - A DOENÇA DE UM SER CRIADOR

A Doença de um Ser Criador

A assembleia permanecia perplexa, não exatamente pelo conjunto de informações ofertadas pelo Senhor Javé. Pelo que desconfio, acho que alguns poucos dos presentes detinham, se não todo, mas parte do conhecimento oculto sobre a misteriosa história deste universo e do seu criador. O inusitado era o Senhor Javé, de modo espontâneo, pela primeira vez no decurso de toda uma história dramática e desconhecida para os terráqueos, expressar a sua visão dos fatos e seus posicionamentos. Segundo o que posteriormente me informaram, aquilo jamais havia acontecido ao longo dos bilhões de anos da sua criação.

— Em todas as tradições espirituais pertinentes a este universo, ó Senhor Javé, é dito que tu agistes com pureza, pretendendo homenagear ao Pai de todos nós. Sabes que tens o meu respeito...

— Não... não sei... julgas-me, tu e outros tantos, um deus criador desalinhado e destituído de padrões morais assim conceituados na Terra, portanto, não me expresses que me respeitas pois não percebo isso em ti.

— Mas te respeito, ao meu modo, apenas não compreendo em ti o que penso ser algo que na Terra chamamos de transtorno de personalidade... ou se compreendo, tenho enorme dificuldade em aceitar que exista em ti doença desse naipe. E, para ser honesto, devo dizer mais: o nome de “deus” em ti é absurdamente inadequado! Faz parte da tua doença. Esta expressão tu deverias envergonhar-se de utiliza-la...

— Isso não é doença, ó humano, é parte do que sou e da minha personalidade. O que chamas de transtorno de personalidade é apenas o modo como ajo e reajo, e sei ser incompreensível para a ótica dos terráqueos as minhas razões. Sou deus, sim, um deus criador, pois de mim tudo surgiu e todos surgiram. Vos todos necessitais de um deus, é honesto que seja eu esse deus pois fui o criador dos céus e da Terra, de ti, de todos aqui presentes e de tudo mais, Queiras tu ou não, esta tua personalidade é filha do meu código de vida, teu corpo terreno é meu instrumento, o planeta em que vives é criação minha, com os meus elementos, e tudo que nele

existe é meu. Sou deus, portanto! Quem és tu para me dizer que não sou deus?

— Ninguém. Afortunadamente não sou ninguém para te dizer isso e novamente reafirmo: por mim, sequer existia pois não faço questão disso! Se ainda assim, há uma força maior que faz com que eu exista, seja esta força algo que tu desconheces ou mesmo supondo que ela te pertença, aqui estou sem querer existir e, portanto, livre para agir como eu quero, sendo honesto com a minha cota de informação pessoal até hoje reunida como “bagagem espiritual”. Firmado nessa posição é que te reafirmo: na minha opinião tu és uma espécie de cientista amalucado, que não se dá o respeito, e se a isso quiseses chamar de deus, essa responsabilidade é tua. Um dia terás que prestar contas disso. Digo-te mais: na Terra, e espero que em outros quadrantes deste universo, o transtorno de personalidade é considerado uma doença, na medida em que os seres portadores de tal tendência comportamental costumam, sem que o percebam, subordinar as estratégias aos fins, o que, convenhamos, não compõe os bons painéis da moral que é o fermento da coexistência amorosa...

— Isso é o que consegues pensar e perceber, ó humano... isso te serve, mas a mim não... é desnecessário e eu não posso pousar de bondoso se tenho que exercer a mais férrea das disciplinas com famílias planetárias e dimensionais que se afastaram dos meus ditames e do destino que para elas aponte, já que isso implica no destino final das coisas do meu universo. Minha força reside no poder que tenho de gerir as correntes que compõem este universo e suas adjacências. Tudo sou eu, tudo é meu, posto que matéria e energia que fluíram... que passaram a existir, tudo foi por força da minha vontade. Humano, compreende se quiseses e puderes, que sou eu aquele que cuida em manter funcionando a vida e os destinos, de partículas, de átomos, de moléculas, de planetas, de naturezas, de seres, enfim, de tudo o que existe, e pouco sabes sobre isso. Reclamas-me que subordino as estratégias aos fins e que isso não é conveniente a um deus... Administro um universo e suas periferias mentais e regiões guardadoras de espíritos problemáticos e não as tuas conveniências e de mais alguns orgulhosos da Terra.

— Jamais estive preocupado com as minhas conveniências na condição humana, seja nesta ou em outras vidas mais recentes, e tu o sabes.

Não é disso que estou...

— É disso sim.... não posso subordinar toda uma ordem de problemas que envolvem muitas civilizações e falsos deuses de mundos às conveniências da moral terrena, ainda que ensinada por mestres a quem admiro e sou grato.

— Senhor Javé... eu, que sou um verme, prefiro perder a ganhar de qualquer modo... prefiro ser agredido a ter que ser eu o agressor...

— Já te expressei que essas belas atitudes servem a vocês, no processo de educação terráquea, mas não me serve e disso não cuido já que minha natureza pessoal está além de todas essas questões.

— As leis morais advindas do amor do Pai Supremo servem para todos nós, Senhor Javé. Tu nem ninguém pode ser exceção aos padrões que norteiam a coexistência universal... Na medida em que ages demonstrando a ausência de sentimentos morais, impondo sempre a condição do mais forte sobre o mais fraco, percebo claramente a tua genética em tudo que há na natureza terrena. Contudo, o padrão evolutivo que nos foi e é ofertado continuamente por emissários do Alto, das regiões espirituais que se situam para além das fronteiras do universo por ti criado, esforça-se por nos motivar agirmos como seres minimamente calcados na elegância moral e no respeito ao próximo. O que chamas de administrar toda essa gama de problemas dramáticos que terminou sendo o teu “cotidiano” neste universo, aos meus olhos, muitas de tuas atitudes parecem ser simplesmente pura perversidade, o que situo além daquilo que classifico como maldade e sei que não és mal...

— Antes que isso termine tu ainda me apontarás como sendo o responsável pelo surgimento do mal e assim a teodicéia terrena estaria explicada. – ironizou o Senhor Javé.

— Não saberia dizer ó Senhor Javé, mas se o que chamamos de mal tiver surgido como subproduto da criação deste universo cabe a todos nós, inclusive a ti, combatê-lo com o bem que pudermos produzir e não com disciplina férrea que somente gera desespero, sofrimento, ignomínia e intolerância. Penso, sinceramente, que o modo como ages é o que te é mais fácil pois não procuras evoluir...

— Oh não! Humano... não me compareis a vós... Eu sou o que sou... Eu sou aquele que é o que é... Eu não me modifico, não mudo... O que tu és hoje veio de mim...

— Não creio que seja, ó Senhor Javé, e o expresso com todo respeito. Tu te modificas, sim. Não és mais o mesmo desde o teu primeiro momento como habitante da tua própria criação. Estás aqui falando conosco. Antes, acho que isso te era impensável, pois o contraditório te incomoda. O corpo humano que meu espírito utiliza, e que goza agora do sono reparador, enquanto aqui estou, aquele corpo, sim, veio de ti, como tudo o mais que existe neste universo. Porém, aquele corpo, apesar de se modificar e mesmo evoluir na sua engrenagem celular, por ser transitório, não responde pela verdadeira evolução já que esta pertence à natureza dos nossos espíritos, estes com os quais aqui todos nós travestidos com a forma perispiritual que mais nos marca a consciência eterna nos apresentamos perante ti e os teus que lhe são semelhantes. Nós evoluímos sob a perspectiva do padrão amoroso e da conduta moral. Sinto-me perplexo em agora perceber o que já desconfiava: tu, por seres o que és desde que este universo foi criado, não podes evoluir ou modificar teus padrões de conduta por força das marcas energéticas presentes no teu espírito, por força do mergulho problemático que a tua condição de consciência plena de deus criador se obrigou a fazer após o surgimento da tua criação. Aqueles que criastes a partir de ti mesmo, para te ajudarem na governabilidade universal, em sendo iguais a ti, ou seja, em tendo o mesmo tipo forma corporal que ti, são o que são, padecem e gozam dos mesmos problemas e dos mesmos poderes, só que em tom menor se comparados a ti. Por isso, também, não podem se modificar. É essa a leitura que faço... isso está próximo da tua verdade, ó Senhor Javé?

— Sim... para uma mente subordinada aos padrões humanos terráqueos tu me surpreendes. Decidi aqui vir ter contigo e com os demais obedecendo às instâncias dessas últimas horas da Terra, antes da sua reintegração e do meu grande dia. Era e é minha determinação que sejas tu, na ausência de outro que me obedeça, a esclarecer para os demais humanos que são filhos e filhas da minha vontade, a quem amo a meu modo, apesar de ser tido, e agora o sei mais ainda, como espécie de monstro na função de deus. Mas não era minha expectativa ser admoestado por ti e, o que me surpreende, é ter sido eu mesmo a te provocar e a contribuir para que isso assim ocorresse. Como podes vê, não sou eu um deus de todos os fluxos e

correntes produzidos pelas vontades dos meus filhos e filhas. Sou aquele que a tudo criou e mantém, administro e julgo as atitudes, disponho e retiro de modo justo o que é da minha prerrogativa dispor sobre a vida do meu universo. Porém, realmente, muito ainda precisa ser feito para que cheguemos a bom termo. Expresso-me agora com uma feição que desconheces... e mesmo os que me estão próximos da administração deste universo também não o logram conhecer: preciso do teu concurso e do de muitos na Terra para que possamos construir a condição necessária para que da Terra possam muitos homens e mulheres que ali existem se habilitarem para prestar ajuda a outras tantas famílias universais. Daqui a alguns poucos séculos, se tudo sair conforme o que esperamos eu, o teu Mestre Jesus e outros que são espécies de pastores perante o rebanho terreno, famílias de terráqueos serão convidadas a se deslocarem para outros mundos, dentro do intercâmbio que marca as civilizações já libertas daquilo que chamais de maldade e desagregação. Por isso preciso de ti para que expliques aos meus filhos e filhas da Terra quem eu sou, como sou e o que represento. Para tanto, exagere e se equivoque para pior nos painéis que simbolizarão as múltiplas faces que me compõem, pois o amor que sinto por todos me basta e não desejo nem muito menos espero ser amado pelos terráqueos nessas circunstâncias em que exerço a função de deus deste universo. Preciso ser conhecido na Terra para que outros grupos de seres, com pretensão á dominação de mundos percebam, que a família terráquea está alinhada comigo e com meus prepostos. Para tanto, preciso ser respeitado e mesmo temido, posto que na Terra existem ainda muitos que somente a minha disciplina férrea os podem ajustar. Para estes, a boa moral e o amor de Jesus e de outros mestres para nada servem. Sirvo-me eu disso para que a minha disciplina possa servir ao progresso desses recalcitrantes.

A perplexidade presente no meu psiquismo variava agora entre a surpresa e a apreensão pelo conjunto do que “um lado de Javé” pouco observado acabara de expressar.

A personalidade daquele ser apresentava muitas variações. Segundo o que, pouco a pouco fui percebendo, e que mais tarde seria confirmado pelos mentores espirituais, quando ele estava acompanhado somente dos seu séquito angelical, ele parecia uma espécie de abelha-rainha com a sua colmeia esvoaçante de seres que somente existiam tendo-o como epicentro de todo aquele contexto. Contudo, quando ele se aproximava da Terra, e

procurava perceber e/ou dar ordens a algum terráqueo, ele ia se humanizando, ainda que no seu modesto padrão no que se refere a ausência de valores e de senso filosófico da sua parte.

Mal podia imaginar o tipo de envolvimento que estava sendo construído na convivência que me era forçada, sem que disso ele soubesse ou mesmo a minha condição humana pudesse perceber, mas que, conforme sempre desconfiei, alguns clones ao seu redor pareciam saber o que se passava.

8 - O MAIS ESTRANHO DOS EFEITOS

O Mais Estranho dos Efeitos

Estava ainda me acostumando à maneira razoavelmente agradável como a “conversa” havia acabado. Pensei que o encontro tinha chegado a seu final.

Permaneci em estado de espera enquanto voltei a minha atenção para a “trupe” de seres em volta do Senhor Javé.

“Isso não pode ser real!”, pensei, e uma das sensações que me ocupava o psiquismo desde o início daquele contato era a de que aquilo ia acabar a qualquer momento, como se fosse um “sonho que não tem fim”, do qual você deseja sair e não consegue.

Enquanto reinava o silêncio e Javé parecia mentalmente envolvido com outra coisa ou situação que não me era possível descortinar, continuei a observar o inusitado contexto a minha frente.

Percebia, nitidamente, três situações distintas a cerca de Javé e seus filhos:

(1) quando Javé estava plenamente sintonizado com eles, eles enchiam-se de uma “aura meio “esbranquiçada” e se Javé olhava para baixo, eles também o faziam, quando ele olhava para alguém, eles automaticamente também o faziam, quando Javé se enfurecia comigo, quase todos eles também pareciam se enfurecer;

(2) às vezes, ainda que com a aura menos potente mas ainda os envolvendo, eles pareciam adquirir uma certa independência no olhar e nas mínimas atitudes. Nessas horas eles começavam a aparentar seres entidades e não robôs.

(3) quando Javé se entristecia comigo ou sozinho, essa postura parecia criar uma relativa independência para eles. Era como se a “fraqueza” momentânea da sua potente força mental “afrouxasse” o controle e, num certo momento, percebi que dois deles se comunicavam enquanto Javé permanecia meio entorpecido.

Aquilo tudo era muito estranho para os meus padrões terrenos e mesmo espirituais.

De vez em quando, uma sensação de um cansaço crescente me dominava a ponto de pensar que iria sucumbir àquela situação. Estranhamente, algo em mim se refazia, e lá seguia eu vivenciando aquelas circunstâncias alternando-me como “alguém que não acreditava estar ali”, “alguém que não aceitava estar ali”, enfim, “alguém que não acreditava que aquilo não poderia acabar bem”, pelo menos para o meu lado.

Não sei precisar o tempo, pois a sensação da sua passagem, quando na presença daqueles seres, parecia não existir, o que era outro aspecto extremamente inquietante que ali sentia. O fato é que, em dado momento, todos aqueles seres pareciam voltar à postura, que penso, lhes parecia a mais peculiar, que era a de um Javé desperto, plenamente atuante naquele contexto, e seus assessores como que robotizados.

O Senhor Javé que ali ressurgiu para a continuidade — que eu pensei ser a finalização — daquele encontro parecia ter muito pouco a ver com o qual eu acabara de trocar impressões. Na aparência era o mesmo, mas era somente nesse aspecto.

— Ó humano! Não penses que aceito o que me dizes. Estás errado, terrivelmente errado como sempre estás. Eu sou o princípio e o fim de tudo o que existe, sou o teu princípio, sou eu quem vive em ti e em todas as minhas criaturas terráqueas, e serei eu a determinar o curso de tudo o que vai ainda acontecer. Não te iludas!

Permaneci em silêncio tentando me refazer do susto, pois havia pensado, equivocadamente, que algo “estava evoluindo” naquela história, mas ali estava, impávido, aquela figura incompreensível a me provocar e a me açoitador vibratoriamente.

— Não dizes nada?

Respirei fundo, enquanto me encantava com os efeitos que a respiração produzia especialmente naquela circunstância. Olhei fixamente para Javé, o que sempre evitei fazer, pois me sentia mal somente em passar a vista por ele. E começou, naquele momento, uma conversa que jamais

vislumbrei e da qual até hoje me recordo com profundo desalento e compaixão.

— Vou fazer uma pergunta bem objetiva: tu te lembras do que acabaste de falar?

— Claro que sim. O que queres com isso?

— Poderias repetir o que me dissestes há pouco?

— Já te disse que sim.

— Faze-o, pois.

—

— Repete, ó Javé, o que me dissestes.

— ...

— Não o farei!

Nesse ponto, Javé vibrava com tamanha fúria na minha direção que os seus anjos mais pareciam agora uma só corrente ao seu redor, enquanto fixavam os seus olhares em mim.

— Não o farás porque não te é possível.

— Claro que me é possível.

— Faze-o, pois, novamente te digo.

— ...

— Respeite-me, ó humano!

— Não, não te respeito, não desse modo. E pago o preço. Mas não mereces o meu respeito, somente minha compaixão. Tu não o fazes porque não te é possível. Estás doente, o Javé, e muito doente. Ou então a tua natureza não te serve. Precisas criar outra. Esta que apresentas não funciona. Tua mente não tem sequência lógica e tu és uma alguém destituído de valores. Não tem como falar contigo. Eu sou miserável, mas não sei qualificar o que tu és! Mas não sou igual a ti, nenhum ser terráqueo é igual a ti. Nos podemos ser moralmente corruptos, mas alguns de nós

ainda ostentam alguma vergonha no caráter. Tu não apresentas nada nesse sentido. Na verdade, nem percebo o teu caráter. Tua mente parece funcionar para algumas coisas, mas claramente a tua personalidade não sabe conviver com o contraditório. É como se o teu psiquismo não tivesse uma linha mestra de conduta lógica para com a liberdade mental de quem conversa contigo. Estás só, ó Javé, ainda que rodeado por miríades de anjos que te servem, estás só. Não tens amigos, nem amor próprio. Não conheces a honra pessoal nem muito menos a vergonha pelos desacertos. Lamento por ti e por todos nós. Deixa-me ir embora ou me destrua. Acabe com isso... este encontro não nos levará a lugar nenhum.

— Continua ó humano!

Eu não acreditei no acabara de escutar. Ao dizer aquilo, os tais anjos voltaram a se desconcentrar em relação à figura de Javé, ligaram, sei lá o quê, em torno da pessoa do criador sentado naquele trono, enquanto permaneciam agora, claramente, numa atitude de “expectativa tranquila” em relação ao que eu poderia expressar perante o renovado convite de Javé para que eu continuasse. E foi o que fiz.

— Por que estás sentado o tempo todo?

Instantaneamente, é como se a pergunta que fiz tivesse estragado “todo o clima” que acabei de descrever, no que se refere a uma atitude grupal mais calma em relação a minha pessoa. De modo estranho, o Senhor Javé fez um movimento com a sua cabeça, ordenando a que todos os seus assessores permanecessem como estavam. Fiquei surpreso, mas continuei.

— Põe-te de pé, ó Javé. Mostra-me que esta tua forma não está doente, no sentido do que agora expresso. Levanta-te, ó Javé. Prova-me que estou enganado!

— Não colocarás o senhor teu deus à prova!

— Tu não és o meu deus! Sinto pena de ti, de mim e de todos nós pelo que testamos aqui presenciando. Levanta-te, ó Javé!

Ele não se levantou. Aquele foi o pior momento até então vivido por todos os que ali estavam.

9 - DESENCONTRO INTELECTUAL

Desencontro Intelectual

O constrangimento era geral!

Novamente os assessores do criador voltaram-se na minha direção apesar de que, estranhamente, não senti o peso da “pancada vibratória” como em outros momentos. Parece mesmo que no instante em que pensei ter sido o mais desagradável dos muitos por mim ali produzidos, eles estavam também como se “estupefatos”, se é que posso traduzir aquele acontecimento com esses termos.

O Senhor Javé havia se retraído, mesmo se contorcido, enquanto fixava o foco da sua atenção em algo que estava acoplado ao trono no qual se assentava. Depois de um certo tempo, tornou a olhar para mim e esboçou algo que longinquamente se parecia com um sorriso.

— Continua, ó humano! De modo estranho, tenho que o reconhecer, dá-me uma certa dose de satisfação escutá-lo, ainda quando me agrides ou me desconfortas com as tuas opiniões descabidas e influenciadas pelos meus traidores. Mas, independente de tudo o mais, pareces ser o único no âmbito da minha criação a conseguir me dizer essas coisas sem me endereçar vibrações de ódio. Não compreendo como depois de tudo o que já aconteceu na minha criação, agora aí tu estás a me dizer coisas que jamais escutei. De fato, minha mente não sabe conviver com esses eventos... mas continua, diz-me o que quiseses enquanto ainda te suporto e me suporto em permanecer diante de ti.

— É melhor pararmos...

— Sou eu quem define...

— Por que sempre sentado nesse trono, ó Javé?

De novo a sensação estranha como se o ar naquele ambiente congelasse a atenção de todos nós em Javé devido ao modo como ele “parava” a si mesmo, como se fosse uma estátua, para logo depois voltar a se “movimentar normalmente”, pelo menos âmbito do seu “trono”.

Não sei se ele pensou que eu mudaria de assunto, sinceramente não sei. Após alguns instantes, o ambiente e todos ali parecem ter se “descongelado” e o criador voltou a se expressar só que de modo ainda mais lento.

— Precisei e preciso da contribuição de algumas classes das minhas criaturas, para dar bom termo à expansão deste universo, das outras moradas da minha criação, e ao encaminhamento de todos os que nessas realidades estão inseridos. No caso da Terra, seus habitantes se distanciaram dos meus ensinamentos... daqui comando a tudo e todos...

— Senhor Javé, o que chamo de trono, na verdade, parece fazer parte de ti, da tua pessoa, dessa forma com a qual parece que tu tens te apresentado ao longo desses últimos milhões anos, desde que a “forma humanoide” foi inconscientemente sendo por ti escolhida como a “influência do momento”. Não será isso, ó Javé?

Por algum tempo, tudo ficou como que “congelado” novamente.

— Já disse e o reafirmo: eu sou aquele que é! Como sou, isso não tem importância. O que sou, sim, e por isso precisa ser ressaltado que sou o criador de tudo e de todos, sou pai e a garantia de que os viventes terão o tempo universal necessário à construção dos meus desígnios para cada criatura, como também para o coletivo dos que de mim e por mim foram gerados.

— Sabes que assimilas o padrão de cada espécie que se forma na tua criação, não é assim mesmo?

— Sim, e disso sempre expressei ao afirmar que vivo em todos os que criei e sei que deles recebo o que neles semeei, daí a minha contrariedade com a liberdade mental das criaturas que me pertencem e que fazem parte do que eu sou.

— Tu sabes que esta forma com a qual agora te apresentas é uma associação de muitos corpos de espécies geradas a partir do teu DNA, como chamamos na Terra, e mais ainda alguns complementos tecnológicos que parecem ter sido construídos por ti e tua assessoria para fins que desconheço. Aos meus olhos, é como se a tua pessoa fosse a somatória de todos esses elementos. Será isso mesmo, ó Javé? Ainda mais, observando o

zelo dos teus anjos para com essa tua forma de expressão, posso pensar que a tua presente forma já algo humanizada tem a ver com a assimilação que teimas em fazer do nosso modo de pensar e de sentir a vida? Isso está correto? Uma coisa te digo, ó Javé, por mais miserável que possa ser o modo como se vive na Terra, e isso deve ter a participação dos teus desígnios, é bem mais estimulante do que o que me é dado observar no teu psiquismo e dos teus anjos. Pergunto-me se existe amizade entre ti e os teus!

— Pensa o que quiseses, ó humano, mas se os teu olhos não enxergarem, não sei mais ao certo se algum dentre os meus o poderá fazer com as características com que fazes. Devo dizer que, às vezes, tenho a impressão de que ando me enxergando através do modo como os olhos humanos me veem. Quando oram para mim, sinto o que usualmente tenho sentido desde que me fiz, quando recebo a veneração dos meus filhos da minha primeira hora criativa. Mas isso não tem me bastado! De novo você vem com essa história de amizade... Já te disse particularmente, que nada sei sobre o que chamas de amizade. Isso é coisa humana. Mas tenho mais que isso dos meus filhos que me são fiéis e que me estão mais próximos.

— Refere-te aos teus anjos?

— Sim, são eles, que me foram sempre leais, com os quais caminhei até este momento. Os que se rebelaram, transformei-os em seres desincorporados e somente há algum tempo com eles interajo porque sou magnânimo para com seus equívocos e porque herdaram também muitos aspectos da minha imortalidade. Esses já não me endereçam a mesma veneração que os anjos. Somente de algumas estirpes, dentre eles, recebo algo que me apraz. Mas tudo piorou com a classe de evolutivos biológicos a qual pertencem os terráqueos. Destes, os que me veneram, deles recebo o que me apraz. De ti e de outros, o quadro do que recebo me é muito complexo. Desperta em mim toda a fúria e contrariedade, mas, devo reconhecer, nos últimos tempos, o tempero das estranhas posturas mentais de alguns dos terráqueos em relação a mim, tem me afetado de um modo que eu ainda estou por definir se permito ou não. Tenho te usado como o principal teste da minha capacidade de suportar os desconfortos que o comportamento terráqueo me causa. Aqui estou por isso! Compreenda: minha forma é a que eu quero e sempre procuro nela aglutinar tudo o que de

interessante coleciono como sendo o retorno do meu investimento. Sei que para os terráqueos alguns dos meus painéis pessoais podem parecer estranhos, mas é que vocês são somente uma pequena parte de tudo o que sou.

— Pelo que pude deduzir, os terráqueos são a geração mais nova de todas as que aconteceram na tua criação?

— Sim, os humanos atuais da Terra formam o que de mais novo existe em todas as moradas que compõem a minha obra.

— Nós fomos criados, obedecendo a algum planejamento, ou fomos produto do acaso cósmico?

— Ah! Finalmente algo que me agrada abordar. Vocês formam o sonho mais antigo na minha mente e foi esse o projeto mais acalentado pelo meu zelo de pai. Contudo, fui traído pelos meus pares em criação, deixei-me ser enganado por estratégias de outros, e o produto que saiu não foi o que desejei, mas tenho tentado me assenhorar do fluxo progressista da espécie a que você pertence, mas falta-me ainda o modo para concluir essa etapa. Tenho-te por cobaia exatamente para isso entender e arquitetar a minha postura. Mas, por que você me perguntou isso? Não é bem essa a sua característica...

— Para saber do grau da tua responsabilidade sobre o ônus evolutivo de uma espécie que foi criada doente mas ordenada a ser santa...

— Esse assunto agora não. Preciso, primeiro, voltar a ajustar alguns termos relativos a isso com os que me traíram em relação à espécie humana para que eu defina os novos desígnios para todos. Quando marquei o Juízo de todos os viventes, em relação ao que se passa na Terra, outros eram os meus elementos... O meu enviado sequer havia vindo. Tenho que impor novos limites à ação de quem pretende interferir pois cobrarei todos os pecados e tu mesmo deverá me prestar contas e todos os da Terra...

— Perdoe-me interromper-te mas a responsabilidade moral é tua, ó Senhor Javé, não é minha e nem de ninguém até porque nós todos já estamos administrando o fardo dos aspectos cármicos da existência. Ninguém precisa de julgamento pois o sofrimento por lá já se concentra em doses insuportáveis. Se alguém precisa ser avaliado sobre o que fez penso

que és tu quem deverá responder por isso. Tu és quem terá que prestar contas do que fizestes na função auto assumida por ti de Deus desta criação. Este problema não é meu e de mais nenhum outro dos que existem sob a tua tirania, é, na verdade, somente teu. Diante da Deidade, tu terás que te auto sustentar na lógica das tuas razões para alardeares sempre que és Deus e por causa disso dás a quem queres e retiras de quem bem entendes.

— Nada te pedi, nada de ti espero, nada quero, apesar de que tudo que vier de ti associado ao bem e ao belo muito me será útil e agradável, o que agradecerei penhorado. Porém, se só dás para receber a submissão incondicional, peço-te todos os perdões que puder te pedir, mas de mim nada esperes neste sentido. Pelo contrário, ponho me no teu colo por um simples sorriso amoroso vindo da tua alma. Mas se o que queres somente o pretendes por meio de imposição, penso que de mim somente isso terás no limite das minhas fraquezas e fragilidades já que sou imperfeito. Mas em sã consciência e repousando na paz que há em mim vinda do verdadeiro Pai, estimo que nada terás.

— O que perco com isso? Provavelmente muita coisa... O que ganhas tu com isso? Sinceramente não sei... Espero que tu saibas. O que me é espantoso é alguém do meu tamanho dizer isso a ti... Talvez qualquer um dentre os que aqui estão poderia se expressar com a necessária autoridade moral sobre esta questão. Mas eu...

Tudo ficou como que congelado, e nem eu mesmo sei como a conversa desandou tão de repente.

Olhei ao meu e percebi todos de cabeças abaixadas, como se estivessem orando ou simplesmente porque não sabiam para onde dirigir a atenção.

Cravei também o meu olhar no ponto em que parecia ter início o “campo energético” no qual se situava o Senhor Javé.

Olhei para aquele ponto porque não sabia mesmo o que fazer.

Não sei “quanto tempo” aquela situação prevaleceu. Tudo o que me recordo é que ao sentir movimentação no ambiente, tornei a levantar a vista na direção do criador para escutar a coisa mais surpreendente de tantas que ali presenciei.

— Você realmente não me ama! É parte de mim, mas não me tem apreço. Quantos existem na Terra que um dia serão como você, depois de me conhecerem como você agora o faz?

— Tu amas alguém, o Javé? A quem tu amas? Se sentes amor, que tipo de amor é esse teu?

— Chagamos a um impasse, ó humano, mas reconheço que fui eu que conduzi para que assim fosse. Terei que parar, terei que interromper, melhor me expressando para você e todos os que aqui estão. Os que me acompanham rogam por um momento comigo fora deste ambiente. Tornaremos a nos encontrar, pois muito vos amo!

Para minha surpresa, o criador voltou seus olhos como se observasse a todos os presentes e, repentinamente, o campo de energia continuava lá, mas sem demonstrar qualquer presença no seu interior.

Acostumado ao encerramento das coisas no “modo humano” ou à moda espiritual, ali permaneci tentando “achar normal” aquilo tudo.

Tudo o que me recorde daqueles últimos instantes do que ali vivi, foi que o Velho Mestre de Zian abraçou-me sorrindo e ali mesmo a “memória” do que pude trazer para a dimensão humana parece ter se esgotado.

Já na condição terráquea, fui posteriormente informado que o encontro com Javé havia sido retomado, e que continuou em moldes semelhantes até a sua conclusão, mas não me foi possível ou permitido resgatar a continuidade dos fatos, pelo menos até o momento em que registro o ocorrido.

Apenas trechos sem continuidade puderam povoar o meu psiquismo sobre os temas e as posturas do criador ao longo do resto do encontro.

Mal imaginava, nos idos de 2008, que teria que tomar nota de tudo aquilo e que algo mais estranho ainda ocorreria cinco anos depois, o que será narrado na segunda parte do livro.

10 - BRAHMA, VISHNU E SHIVA: ENCONTRO INESPERADO.

Brahma, Vishnu e Shiva: Encontro Inesperado.

Não sei exatamente como o meu corpo animal permaneceu vivo até o ano de 2013, momento em que retomo a produção das páginas deste livro, o qual muito hesitei em publicar ao longo dos últimos cinco anos. Pensei mesmo em destruí-lo para não deixar o ônus moral de uma futura decisão para nenhum dos meus afetos no campo na descendência.

Recordava-me, porém, do livro “O Drama Cósmico de Javé”, cuja primeira versão destruí com a intenção de não me submeter aos imperiosos desígnios de um ser que a mim se apresentava da “pior forma possível” perante a minha sensibilidade terrena ou do que dela restava.

De estupefação em estupefação vivi esses tempos da minha vida, adentrando-me pelas estradas de um drama complexo e multifacetado cujos focos de origem pareciam se distribuir por uma confusa e desunida “família de seres” que se consideravam divinos.

Apesar de “miserável” e, mais ainda, mergulhado na limitada condição humana, “olhava” para aquilo tudo que me cercava como se fosse uma turba de seres absolutamente perturbada, em grau muito pior do que percebia no aparente caos do cotidiano terrestre. Contudo, era o Senhor Javé e seu exército de anjos distribuídos em múltiplas fileiras e espécies distintas que se apresentavam perante minha aturdida percepção, que tanto haviam impressionado os terráqueos do passado que tiveram contato com aquilo. Frente aos meus olhos, porém, eram todos enlouquecidos, incompletos, parvos, covardes, frios, robotizados, e aqui muitos adjetivos e epítetos caberiam para fazer justiça à minha “avaliação dos fatos” ao meu redor, fossem esses ou não corretamente compreendidos pelo meu tirocínio.

Já havia lidado com algumas hordas de espíritos trevosos, mas eram desencarnados que, com suas dores e aparente revolta, convidavam-me apenas a fornecer a minha guarida amorosa e compassiva para com eles, apesar das agressões que sempre “organizavam” na minha direção. Mas era compreensível, sob à luz da revelação espiritual, e com eles procurava lidar

da forma mais tolerante e solidária que pudesse arquitetar. Aquilo, porém, ultrapassava toda e qualquer experiência mediúnica.

Apesar de consciente da minha miserável condição, fosse por que motivo, o surpreendente é que me sentia “espiritualmente” superior a toda aquela movimentação produzida pelos “anjos de Javé”. Tudo me parecia muito esquisito e destituído de propósito racional.

Por força da tarefa espiritual, acostumei-me a ser “marcado de perto” por grupos de espíritos vinculados as trevas da ignorância e do sofrimento, como já referido. Mas equipes daquele naipe, que conseguiam produzir, em estranho consórcio com seus pares do lado de cá, alguns eventos no âmbito da nossa faixa de realidade, pareciam-me por demais “artificiais” e “cibernéticos” para demonstrarem alguma emoção.

Como já expressei em outros livros, em determinado momento dessa história, percebi que aqueles seres e o tal criador, não conheciam a condição humana e nem possuíam a razão filosófica e o senso crítico que qualquer terráqueo pensante naturalmente possui.

Percebia no comportamento do criador traços de um psiquismo afetado e doentio que variava tanto ou mais do que qualquer “transtorno de personalidade” assim classificado pela psicologia terrestre. Pensava comigo mesmo: “qualquer louco daqui é muito menos doido do que qualquer um desses seres, em especial o que se apresentava como Javé”. Contudo, por entre delírios e mensagens absolutamente confusas e despropositadas, aparecia às vezes um Javé algo sereno, como se compreendesse ou estivesse começando a compreender a lógica humana. Outras vezes, ele simplesmente parecia não ter a mais remota ideia do que um ser terráqueo pudesse sentir.

Recordava-me da experiência tida nos idos de 2008 e dela somente colhia as lembranças inquietas e o significado absurdo que o meu tirocínio podia arquitetar de tudo aquilo. Preferia mesmo nem pensar a respeito.

Assim me expressei para facilitar o entendimento do (a) leitor (a) quanto ao padrão psicológico que Javé apresentou num primeiro encontro, narrado na primeira parte deste livro que, em linhas gerais, era um “Javé algo sereno” se comparado a outras situações que pude presenciar e que serão narradas a seguir.

O fato é que, se tudo era muito estranho para o que restava da minha sensibilidade, o que tive que presenciar em certo momento do final do mês de junho de 2013, excedeu a tudo o que até então eu já poderia classificar como o mais pleno absurdo.

Encontrava-me na cidade de São Paulo e foi lá que o evento me envolveu quando “fui levado” não sei exatamente para onde. E aqui passo a narrar o que vivi, sem a menor expectativa de me fazer compreendido por quem quer que seja no tempo em que vivo.

O meu senso de personalidade terrena sabia que me encontrava em plena noite, preparando-me para me dormir, quando, inopinadamente, percebi-me em um local com “atmosfera fortemente azulada”, muito mais que a que se faz presente na biosfera terrestre, e pontos cintilantes que pareciam presos a um céu sem sol, brilhavam em plena luz do dia, o que me espantava sobremaneira.

Sentia-me cansado, como se o corpo me fosse insuportável, e o peso de tanto desgaste vindo de situações como aquela, parecia estar afetando o meu “psiquismo humano” de um modo jamais sentido.

Repentinamente, ocorreu-me a lembrança do final do já narrado “encontro com Javé”, como se alguém ou algo tivesse “apertado algum botão” na minha mente.

Tudo o que procurei fazer foi procurar algum lugar para me encostar ou mesmo sentar, enquanto procurava atinar com o que fazer naquelas circunstâncias.

Percebi uma fragrância no ar, para mim desconhecida, e pensei que nada daquilo podia ser “terreno”, apesar de me perceber na condição humana. Até o desconforto que costumo perceber em certa região do tórax, desde o infarto sofrido anos antes, pude sentir naquela circunstância ao me inclinar na direção do que parecia ser uma grande pedra formada por algo semelhante a granito, ao tentar me sentar para melhor observar o lugar.

Repentinamente, como se estivesse inserido no âmbito de um grande cenário que se “modificava magicamente”, tudo o que eu podia perceber e que se encontrava à minha frente, começou a se dividir em três partes ou

cenários distintos, parecendo, cada um deles, um “canal de uma grande tela ou portal” que adquiria vida para meu completo espanto.

Sabia que nos livros épicos hindus tais quais o Mahabharata e o Ramayana, e em certas passagens da Teogonia de Hesíodo, ali eram referenciados a “loka”, ou “genos” de cada “deus”, ou ainda os “céus” dos deuses do panteão hindu. Literalmente, os contextos que se formavam à minha frente eram como se fossem os “céus” de cada um dos “deuses” da chamada trimurti, a trindade hindu os quais, para minha estupefação, estavam se compondo, cada um deles com “paisagem específica” e seres distintos que começavam a se posicionar “nas bordas” daquelas faixas de realidade.

Olharam-me como se eu não estivesse ali, e um deles que se encontrava à minha direita, “saltou da borda”, deslocando-se na minha direção, com algo que parecia uma “caixa” escura em uma das mãos. Parou a cerca de três metros de onde me encontrava e, sem nada me dizer, largou a caixa em pleno ar à minha frente. Feito isso, retornou para o “portal” de onde saíra, sumindo da minha vista.

Olhei para aquilo enquanto dali era emanado um conjunto de cintilações que se transformaram em algo parecido a uma poltrona que parecia ter vida e que permaneceu “pulsante” como se esperando alguma atitude de minha parte.

Levantei-me da tal pedra na qual me encontrava meio que encostado e meio sentado, sentindo-me profundamente atraído por aquela peça de uma tecnologia que, aos meus olhos, mais parecia “mágica”.

Sentei-me naquilo e todo o desconforto que sentia desapareceu como se a vibração daquela cadeira fosse “medicinal”. Foi, simplesmente, impressionante o padrão de bem-estar que passei a sentir, enquanto observava, agora, a presença de um ser muito estranho já sentado no “portal-contexto” à minha frente, enquanto o outro, situado á direita, permanecia em pé, olhando-me, com uma expressão “suave” na face, ou pelo menos é o que percebi naquele instante.

Sem nada dizer, aquele que me olhava, a quem chamarei de Vishnu, também sentou-se e, aos meus olhos, parecia-se com a forma que o meu espírito conheceu no homem Jesus, só que algo avantajada e o cabelo e os

olhos eram severamente escurecidos se comparados ao que conhecia no mestre da Galileia. Mas era ele que ali se encontrava “naquela figura” paradoxalmente parecida com ele, mas que, ao mesmo tempo, parecia ter outra identidade, só que com a mesma maneira de olhar e de expressar a sua irresistível vibração pessoal.

Ele portava uma vestimenta totalmente branca, algo estranha aos meus padrões terrenos, e que apresentava discretas cintilações em cores suaves que transitavam de amarelo claro para o rosa.

Olhei para o ser à minha frente e do ser estranho que havia visto num primeiro momento, lá estava agora a figura inesquecível de Sai Baba, também vestido de branco, fitando-me com suavidade, apesar de que sentia, da parte de ambos, um certo tom de “gravidade” ou de “severidade”, em especial quando se olhavam.

Ao discreto som de estranhos processos ondulatórios, senti como se um pequeno artefato voador estivesse vindo “de cima”, no âmbito do cenário localizado à minha esquerda, e no mesmo “trono” com que se fez presente no encontro narrado na primeira parte deste livro, ali estava o Senhor Javé nos mesmos moldes anteriormente descritos.

Soou, em algum ponto da minha mente, o início da troca de impressões entre aqueles seres e passei, então, a viver aqueles momentos como se estivesse vivenciando o mais irreal dos sonhos.

— Finalmente, aqui estamos nós três, mais uma vez, agora acompanhados de um terráqueo evolutivo, nosso convidado comum para que esse encontro pudesse ter lugar – “disse” Sai Baba, só que não mais aparentando a face conhecida na sua última missão terrena, mas sim, na de um ser que era desconhecido para o meu conhecimento terreno.

Aos poucos fui compreendendo que ali estava o Senhor Shiva, apresentando-se numa forma tremendamente intimidante para os padrões terrenos. Não me era agradável observá-lo. Somente muito mais tarde foi que me acostumei com a sua “figura”, pois que o ser a minha frente “variou” bastante a sua forma de se apresentar, ao longo daquele evento.

— Apenas para que você possa se situar na sua condição humana, a última vez que nós três conversamos, com a liberdade que pretendemos ter

nesta oportunidade, foi num “tempo” anterior à criação deste universo. — continuou ele para a minha total surpresa.

— Desde então, fomos obrigados a assumir os “personagens” necessários aos desdobramentos dos problemas que surgiram por todos os lados. Jamais houve um só momento de descanso... o trabalho redentor sempre nos manteve acordados para o inescapável: o destino do que foi gerado estava indissolivelmente vinculado às nossas três consciências. Fomos nós, que em tempos imemoriais situados para além da compreensão temporal possível a quem vive neste universo, terminamos gerando essa máquina de “criar vidas” que tanto você critica em suas reflexões. E você está certo: nada disso precisava mesmo existir!

— Isso é o que você diz, ó Shiva, mas não é o que eu penso! — apartou Brahma, também modificando automaticamente a sua forma para outra que jamais havia percebido, e que era bem menos agradável ainda do que a de Shiva.

— Você destruiu muito do que criei e, mesmo a mim agrediu, com força desproporcional, prejudicando-me pelos evos posteriores com a incompletude e a dor de ter que existir faltando-me uma parte importante do meu ser. Tudo o que foi destruído pela sua força, por si só, poderia compor muito do que hoje nos falta para ajustarmos a obra que gerei com o meu poder criativo. Vós outros me violentaram desde o princípio, quando interferiram na minha mente, confrontando-me na estruturação dos alicerces da minha criação, o que penso ter sido o foco do problema que hoje todos vivemos. Não aceito que a mim seja imputado por você o “defeito de geração” provocado pelo atrito mental vindo das vossas mentes. Se a minha mente não tivesse sido invadida, contando com a minha boa fé de que seria auxiliado, corrigido, mas não violentado nos meus alicerces criadores, nada do que de ocorreu teria tido lugar. Nesse aspecto, concordo em certo viés do pensamento do humano da Terra. Mas a responsabilidade sempre foi vossa, não minha. Digo mais: somente há muito pouco tempo é que recuperei as recordações do que houve e me esforço por aceitar os fatos como eles estão. Apesar de ser eu o mais poderoso em relação ao que criei, penso que vocês manipularam, de algum modo, as minhas memórias. A parte minha que lá existia não reside agora comigo. Mas, ainda assim, o que ela viveu, pela força do que foi acessado pela mente do terráqueo e para mim repassado,

pertence ao meu arcabouço de conhecimento os eventos tidos para além das minhas lembranças.

— Você já era incompleto, desde a sua queda, ó Brahma. A energia criativa era a sua e por isso que você se viu inevitavelmente atraído pelo que foi gerado. Não fomos nós que lhe “empurramos”, como certa feita você revelou a este terráqueo. Tentamos, efetivamente, amparar-lhe na queda, mas tal não nos foi possível. Tivemos que lhe largar, o que é bem diferente. De minha parte, cobri a sua criação, ainda naqueles primeiros micro-momentos dos primeiros segundos do tempo deste universo, com a minha própria energia, mas não penso que devamos, nesta oportunidade, tornar a levantar esta questão. Seguramente não haveremos de chegar à nenhuma conclusão em relação a este assunto inacabado. O que me parece aqui estar em foco é a situação da humanidade terrestre em relação a toda essa história. É por isso que o terráqueo se encontra entre nós... e mais ainda, porque com a sua ligação mental com ele, provocada pelos desdobramentos dos fatos acontecidos na interação entre você, sua assessoria e ele, essa “ressonância entre os dois” recém surgida, é fato singular na sua história, ó Brahma, e isso permite que você esteja novamente conosco. Sem a presença dele, a sua energia pessoal, o foco da sua consciência, não se estabeleceria no padrão da razão filosófica e do senso crítico que somente existe no psiquismo desta raça planetária. Sabemos das reservas que você tem em relação a mim e a Vishnu, mas no que toca a ele, foi você quem o agrediu inúmeras vezes, tentando subordiná-lo a sua vontade. Contudo, conforme os valores humanos dele que, somente agora, nesses últimos milênios, você começou a apropriar como sendo, doravante, definitivamente os seus — e foi nessa interação que ele aprendeu a descortinar o seu drama — a sua dependência em relação a ele, pelo muito que você o perseguiu e pela energia que gastou para envolvê-lo, revela naturalmente a sua situação, devido ao modo em que a sua própria mente estabeleceu tal ligação com ele. Do mesmo modo, com o intuito de estabelecermos um padrão sintonizado de comunicação mútua entre nós, eu e Vishnu também fixamos os elementos e condições necessárias para que assim ficasse estabelecido. Temos o tempo da vida do terráqueo, até que outros sejam preparados, para resolvermos o que desde o princípio de tudo necessita de correção de rumo – pontificou Shiva.

— Sim! Já me encontro farto de tudo isso. Concordo... Não sei onde errei! Escolho os melhores... os que me homenageiam... não é o caso dele... Muito esperei e recebi de Abraão, de Jacó, de José, de Moisés. Encantei-me com Davi e Salomão e muito deles recebi apesar dos problemas... Maomé, o que mais me honrou... Mas este aí, este desta hora, jamais cumpriu o mínimo da minha expectativa e, ai de mim, dele não consigo me apartar... Este terráqueo... devo dizer, dele estou farto pela tamanha ingratidão, logo ele que terminou sabendo o que nenhum dos outros pôde saber.... não o escolhi... não posso ter cometido esse equívoco... isso foi trama de vocês, agora aceito que vocês prevaleceram através dele... Somente ele estava disponível, logo na minha hora mais difícil enquanto pai e criador de todos.... Com todos os demais eu apliquei os meus desígnios, mas contigo, ó Vishnu, e com este que vocês manipularam não o consegui. Você, ó Vishnu, traiu-me enquanto Jesus... Venceste-me pois tua trama foi superior a minha, obrigo-me a reconhecer... Mas ele, sequer me traiu, nem muito menos fez valer qualquer trama dele sobre meus desígnios, apenas desobedeceu-me e me negou como seu pai e senhor. Você, ó Vishnu, aceitou-me como criador e deus supremo, mas negou a minha obra, fazendo-me ver que tinhas também poder sobre ela. Mas este terráqueo negou a mim e ao que criei, apesar de submetido como criatura ferramenta da minha vontade, apesar de não executá-la de bom grado. E mais: vocês o manipularam a tal ponto que dele agora dependo para poder gerir essas últimas movimentações em torno do que se passa na Terra, e ele não me obedece, e na verdade, despreza qualquer coisa que a ele endereço.

Fiquei surpreso ao perceber o modo como Brahma “coleccionava” as minhas reações humanas à sua tentativa de me dominar a qualquer custo. Pensei em “dizer algo” mas desisti de fazê-lo. Não sabia se me era dado me expressar naquelas circunstâncias.

Pude, então, observar o modo como o gigante, à minha direita, olhava fixamente para Brahma, enquanto o “escutava”. Com expressão que variava — aos meus olhos — do que poderia classificar como impassível até a de um cansaço superlativo, Vishnu a tudo acompanhava parecendo demonstrar, com aquela atitude, não ter a mais remota vontade de expressar qualquer reação às “palavras” de Brahma.

Em alguns momentos do que ali ocorreu, esperei que ele se pronunciasse mas, estranhamente, era sempre Shiva a “dialogar” com Brahma, pelo menos até aquela altura dos fatos, apesar de que tudo o que ali teve lugar não se encontra aqui descrito pela impossibilidade descritiva de minha parte ou mesmo porque não encontrei modo de reproduzir os termos e os conceitos abordados.

— Cessa a sua expressão, ó Brahma — aparteu Shiva — não o manipulamos, nem muito menos você o conseguiu. Os princípios e propósitos que ele colecionou como sendo o seu código de conduta é que o nortearam. Recorde-se que ele, ao se defrontar com a sua presença, tentou ser útil aos seus desígnios, porém, você o atropelou na sua condição humana. E foi a partir daí que ele se libertou do vosso e do nosso poder de o manipular. Lembre-se, também, das pesadas críticas que ele expressa em relação ao trabalho de Vishnu e ao meu próprio, além das que lhe são endereçadas. Mas o faz compreendendo o nosso drama e a nossa queda em torno do seu problema, e vibra em relação a nós com o amor que pode nos ofertar, apesar de agredido pelas nossas diferenças e intrigas na gestão de tudo isso.

— Como ele pode, sendo um simples humano, provocar todo esse atraso entre nós? Todas as idades da minha criação estão agora estacionadas, represadas no conflito que ele criou com sua teimosia e incompreensão quanto aos meus desígnios. A compreensão que ele criou gerou uma descrença generalizada em muitas das minhas linhagens... Como toda uma questão universal se encontra vinculada ao que se passa na Terra? Isso não foi obra de nenhum humano... Isso é artimanha de vocês e ele é inocente nas suas atitudes para comigo, será isso?

— Você ainda não absorveu a lógica da condição humana e assim não pode mesmo compreender que tudo o que acontece, a partir do terráqueo, foi e é reação ao que você lhe impôs... Ele nada fez... Simplesmente desistiu e deixou-se ser agredido, jogando com sua própria vida e limite pessoal de aceitação. Você não compreendeu. Nenhuma criatura consegue fugir a sua investida, mas pode, ainda assim, não se deixar levar por ela. Ele “confiou” em você algumas vezes e foi enganado em todas. Simplesmente, ele passou a lhe “desconsiderar” como alguém “digno de algum crédito”. Na verdade, você, ó Brahma, jamais pôde entender o que um ser humano da Terra sente.

O que ele fez foi “jogar o nosso jogo”, na medida em que se sentiu perseguido implacavelmente por você e seus anjos, colocando, então, o seu concurso como sendo a pedra angular do que nós precisamos construir no entendimento dos terráqueos. Ou seja, ele desconfiou que sem o concurso dele você não chegaria ao cumprimento dos seus desígnios. De tanto você afirmar que “somente ele” poderia cumprir os seus desígnios, ele terminou por admitir essa possibilidade, muito mais pela insistência da sua assessoria angelical do que por aceitação. Na verdade, o psiquismo dele, até este momento, não aceita que “somente ele” pode realizar o que você deseja. Contudo, segundo o seu modo de pensar terreno, se você não precisasse dele, seria extremamente fácil deixá-lo para lá. Mas a sua insistência em torno dele, o fez desconfiar ou mesmo perceber, que havia algo de intrigante na relação que você impunha à sua condição humana. Entenda que, mesmo com o que você fez a sua sensibilidade de ser humano, ele não se subordinou nem se submeteu aos seus desígnios, nem muito menos se permitiu querer qualquer tipo de pacto. Preparou-se, assim, para pagar o preço porque era conhecedor do que acontecia com quem contrariasse a vontade do criador, conforme descrito nas páginas das tradições religiosas do passado. Com suas atitudes, ele estava lhe dizendo que não precisava de você e nem muito menos lhe temia, mas nada podia fazer para lhe enfrentar, a não ser apresentar a sua indignação humana, o que o fez em muitas oportunidades de modo aberto e estranho aos seus olhos, porque jamais lhe endereçou sentimentos negativos, apenas não lhe respeitou a condição de deus criador e senhor de todas as criaturas. Para a sua surpresa, você foi quem percebeu que precisava do concurso de um simples ser humano, agora de modo muito mais acentuado do que precisou de outros tantos no passado.

Estranhamente, Brahma permaneceu impassível enquanto “escutava” as expressões de Shiva a respeito da minha postura terrena.

— Dizer-lhe que eu e Visnhu não sabíamos no que o seu encontro com ele, nas circunstâncias em que se deu, iria provocar em ambos, aí estaríamos faltando com a verdade. De modo factual, você facilmente percebe o que acontece com os terráqueos, apenas não lhe é possível ainda compreender a lógica da condição humana. Foi isso o que lhe surpreendeu... Pelo seu modo de agir para com os humanos da Terra, ele o rejeitou como alguém que dele merecesse qualquer “sentimento especial”, fosse positivo

ou negativo”, e isso lhe tirou do “sério”, ó Brahma, mas, ao mesmo o tempo, o comportamento dele e as revelações que a sua condição humana começou a arquitetar sobre o seu e o nosso problema, esses dois aspectos o fizeram “especialíssimo” a seus olhos, e o “feitiço virou contra o feiticeiro”, usando aqui, um ditado próprio aos terráqueos.

— Não foi isso o que me surpreendeu... mas pouco importa. Como já expressei, estou farto e também sei que estás... todos estão... — observou Brahma voltando-se na minha direção.

— Viu bem o que você fez com os meus desígnios? Desprezou-os e agora você é obrigado a cumpri-los ainda que não queira, porque é imperioso que o faça. Não providenciastes a religião que lhe encomendei, mas agora terás que explicar tudo de algum modo que lhe será muito mais caro e difícil. Não cumpristes com as minhas diligências, terás agora que se resolver sozinho, sem apoio, sem suporte. Será a tua pessoa contra o resto que de nada sabe. Mas precisam saber! Precisamos todos que seja feito por você, pois não existe outra opção nesse momento. Quis obrigá-lo o tempo todo e não consegui. Agora lhe pergunto: será que você não compreende?

Posso me expressar? — perguntei para a minha própria surpresa.

— Sim, humano terráqueo, faça uso da sua tão propalada razão filosófica. — respondeu Brahma.

..? Bem... não sei se tu percebestes, ó Javé...

— Chame-me de Brahma, pelo menos nesta situação que estamos vivendo, chame-me de Brahma.

— Mas, qual a importância disso? — questionei.

— Ele não sabe... mas essas três personificações jamais se “humanizaram” do modo como você entende, ainda que eles dois tenham se feito humanos em algumas oportunidades. Eu não! Por isso você tem que me chamar de Brahma, quando estou defronte a eles dois, para que o nosso circuito mental funcione nos moldes em que precisamos que eles operem. Não tentes entender, simplesmente me chame de Brahma. Obedeça-me!

Já havia percebido outras tantas fragilidades do criador, mas aquela, de que a sua “postura psíquica” dependia de como o fator que lhe era externo

pudesse interagir com a sua estranha personalidade, era um novo traço que, apesar de insignificante, revelava a sua extrema incapacidade de se autogerir enquanto um ser.

— Perdoem-me mas.... vocês três, nesse nível de personificação que aqui percebo, vocês têm a devida consciência de que enquanto discutem o que lhes parece importante, no mundo em que vivo, a cada minuto do tempo de lá, tem gente sofrendo terrivelmente por força da ignorância que nos oprime? Seja pelo isolamento a que estamos ainda submetidos ou mesmo por força de outras decisões que são tomadas ou deixam de ser tomadas por vocês, enquanto, repito, os mesmíssimos problemas descritos nas mitologias do passado terrestre ainda continuam a ser tolamente abordados numa situação como esta, será que vocês não percebem que muitos sofrem quando esse sofrimento talvez nem mais precisasse existir, desde que soubéssemos um pouco sobre a verdade que marca as nossas vidas? Como vocês esperam que eu enxergue um evento como este se nos valores semeados na Terra vocês três são tidos como deuses, mas, só que lá ninguém sabe que muitos dos problemas que carregamos sobre os nossos ombros não foram gerados pela labuta humana e sim por vocês?! E o fardo cármico que carregamos, enquanto vocês jogam disputas intelectuais infundáveis e, desculpem, estéreis, como a lógica humana poderá arquitetar um nível de entendimento em que vocês três não sejam transformados de deuses em criminosos?

— Vejam como ele é... — observou Brahma.

— Nós sabemos, ó Brahma. — ponderou Shiva. — Por isso o elegemos para ser ele aquele a quem você teria que encontrar como “disponível”, dentre os humanos, para fazer valer os seus desígnios. Armamos essa artimanha para você, ó Brahma... Como nos apartamos e não mais pudemos “conversar”, por força da sua postura de somente interagir com quem se lhe submetesse a condição mental, fizemo-nos seus filhos, eu e Vishnu, para poder interagir com você, ainda que submetidos aos corpos que nos deu. Compreenda isso. Através deles não podíamos lhe contrariar abertamente por meio dos conceitos e das ideias, somente o conseguimos fazer por meio das atitudes longamente tramadas, único modo de lhe chamar a atenção. Mas conversar com você, apenas nos últimos milênios foi possível, e somente agora reconquistamos esse poder de o fazer de modo

produtivo, racionalizado, e somente o conseguimos por meio do psiquismo que nos foi disponibilizado por meio da condição humana terráquea. Sabemos que você já tomou consciência disso, pelo menos nos últimos tempos. O que agora precisamos fazer é explicar a ele e a você o porquê de não podermos fazer algo mais do que foi feito, pelo menos enquanto for esta a sua postura, ó Brahma, de ainda pelejar com tudo e com todos sobre as questões que importam ao progresso com vistas a sua, a nossa e a redenção de todos os que foram envolvidos. Não são estes, ou seja, os seres criados por você ou por nós para viverem no âmbito do que foi gerado, que precisam “ser salvos”. Somos, principalmente, nós três e mais outros tantos, que precisamos soerguer a nós próprios e superarmos os desdobramentos do que um dia foi gerado. A questão é que todos se “sujaram” com o problema, e aqui me refiro tanto a nós como aos que nos servem de apoio existencial para levar a bom termo o que geramos em pleno equívoco.

— Quando este terráqueo formulou o conceito do “favor divino”, ele o fez procurando lhe mostrar que “todos os que tiveram que existir no âmbito da criação” estavam e estão sendo instrumentos de um “favor de Deus” a nós outros que somos os responsáveis, por este ou aquele motivo, pelo que foi gerado. E ele está certo, por desagradável que nos seja escutar isso de um terráqueo e saber que todos, doravante, poderão também conhecer esse aspecto da verdade que nos envolve. De fato, como eu mesmo disse quando me personifiquei como agora sou na Terra (a expressão pessoal que falava naquele momento era a do Senhor Shiva – nota do autor terreno), a angústia e o sofrimento permeiam todo o universo enquanto nós três não resolvemos os problemas gerados e que tiveram apoio nas forças das nossas mentes divinas. A crítica do humano terráqueo é factual, correta, apesar de desagradável à nossa sensibilidade. Mas toda essa “esquisitice comportamental”, como ele costuma classificar as nossas posturas, reside na incompetência, de nossa parte, em superar uma simples e singular questão, a qual delegamos ao “passar do tempo cósmico” e ao seu cansaço, ó Brahma, o único modo de ser resolvido. Esta questão se refere ao vínculo indissolúvel da sua mente atual com um dos alicerces estruturantes das faixas de realidades que foram geradas.

— Aqui me refiro a participação da sua mente, ó Brahma, na sustentação da obra surgida. Mas como explicar questão tão complexa e delicada a você e aos humanos, para que estes possam lhe ajudar a partir do

conhecimento do problema? O que precisamos dizer para que o senso crítico dos humanos terráqueos não os leve a pensar que, dado à inevitabilidade do ocorrido, o que pudemos fazer foi feito, e o que ainda falta ser realizado não mais depende somente do que nós, as divindades envolvidas, possamos fazer ou deixar de fazer. Sabemos como é difícil para os seres espalhados pelo cosmos, que têm senso crítico para perceber o problema, compreenderem sem se revoltarem intimamente com tudo o que aconteceu e ainda falta ocorrer. Mas não há outro caminho já que precisamos da contribuição de todos os que podem dar de si. E é esta parte do seu problema, ó Brahma, e a de todos nós, pois falta-lhe ainda algumas faculdades mentais da sua parte para que a sua vibração se posicione no sentido e na amplitude precisas ao nosso intento.

— Não pense você, ó humano, que Vishnu pode prevalecer sobre Brahma obrigando-o a aceitar que ele agora exerça a supremacia sobre o que foi gerado. Bem melhor para Brahma seria se assim fosse, desde o início do problema. Mas, infelizmente, ele não pensa assim e sequer isso aceita de bom grado. Contudo, não lhe resta outra alternativa a não ser a de “dividir o comando” sobre a obra que ele pensa ser somente dele. Para isso, porém, é necessário que ele o faça quando o estado da sua consciência não mais possa vibrar do modo com que até agora se caracterizou. Isso, porque, ele atingiria a muitos que lhe estão e são indissolivelmente ligados e dependentes, o que seria “fatal” para uma gama de centenas de bilhões de seres que vivem neste universo. Por estranho que isso possa lhes parecer, vocês, terráqueos, não teriam nenhum problema com essa questão porque o DNA dos vossos corpos já é praticamente independente do que sustenta e dá vida à figura de Brahma. Mas o mesmo não se pode dizer de praticamente todas as gerações mais antigas de seres, sejam os que este terráqueo chama de “anjos-clones”, como também aos demônios e às primeiras famílias planetárias evolutivas que surgiram para este universo.

— O problema é tão sério, tão desesperadamente sério, que os anjos-clones mais próximos à Brahma, desenvolveram toda uma tecnologia para manter vivo e desperto aquele a quem consideram como sendo seu pai e criador, até porque é este o único modo de “manterem”, inclusive, a vida que lhes é própria. Brahma não gosta nem um pouco de “ouvir” ou “tomar consciência” desses fatos que lhe são inaceitáveis, por atestar que ele não mais impera sobre os seres que lhe estão próximos, apesar de todos eles

dependerem da sua existência. Não lhe podem desobedecer ainda que sejam os mantenedores da vida daquele a quem são obrigados a obedecer e de cuja mente dependem para viver. Paradoxal e extremamente tortuoso, não é mesmo? – observou Shiva olhando com os seus “múltiplos olhos” para mim.

— Mas assim são os fatos em torno de Brahma. Acertadamente você percebeu que o trono em que ele se assenta é multifuncional e é hoje um complemento especialíssimo ao seu “corpo de primeira hora”, logo após o seu mergulho na criação. Sabemos, eu e Vishnu, como é difícil para você, na sua condição humana e com os valores que lhe são comuns, olhar para ele, para esta minha forma que agora assumo, e procurar a beleza das formas delicadas e agradáveis à vista humana. Somente podemos lhe pedir que reflita sobre o que estamos lhe informando e, mais ainda, sobre o que agora será informado. Se você achar digno de registro e for suportável para a sua sensibilidade veicular essas notícias para as futuras gerações terráqueas, pedimos que o faça, independente da sua condição humana achar certo ou errado produzir informações tão desagradáveis para a sensibilidade dos terráqueos. Assim pedimos porque esse tipo de revelação jamais pôde ser feita no passado, pelo menos nos moldes que agora a caracteriza.

— Toda a questão repousa não só na ligação indissolúvel entre Brahma e muitas das suas criaturas, como já informei, mas também no que agora será ressaltado. Para tanto, terei que recorrer ao conceito de “holograma”, conforme decodificado pela ciência terrestre, mas o farei de modo simples, não se preocupe. Segundo o que conheceis, e aqui dito em palavras simples, quando uma mesma fonte emite dois feixes luminosos, sendo um inalterável, puro, e outro já programado ou marcado por alguma experiência, quando ambos interagem sobre um determinado plano, a partir deste poderá surgir o que chamais de “faixa de realidade holográfica”. Agora, se for devidamente compreendido que a fonte de absolutamente tudo o que existe, sempre existiu e do que poderá existir é uma só, e aqui me refiro à fonte primordial de tudo que é o que você chamou de “matriz primordial”, no seu livro sobre o drama cósmico de Brahma. É dela que tudo o mais surge, inclusive as matrizes secundárias geradas pelas mentes das divindades cocriadoras, como é o nosso caso. Assim, o feixe puro seria o pano de fundo inalterado da matriz primordial, enquanto o feixe

programado seria o projeto planejado pela mente cocriadora. Foi desta última, também, que surgiu a singularidade por vós conhecida por matriz das possibilidades quânticas. Portanto, quando guiados pela vontade da mente cocriadora, o feixe da sua programação mental que traz consigo inevitavelmente o feixe primordial, são projetados sobre a plano das possibilidades quânticas, tudo o que surge a partir daqui é a realidade material que conheceis no universo em viveis, que é, por conseguinte, uma realidade holográfica. Em outras palavras, o jogo perene da energia (os dois feixes incidindo sobre a matriz das possibilidades quânticas) se transformando em matéria (a realidade holográfica colapsada a partir da atitude mental do observador/criador), cria a realidade material holográfica na qual os próprios corpos humanos estão inseridos e programados para nela viverem mas para nada dela perceberem. Os espíritos individualizados que estão (imantados) por trás dos corpos humanos são quem mantêm “vivo”, por força das suas atitudes mentais associadas à energia rajas de Brahma, o constante processo de colapso, o que responde pela vida dos vossos corpos. Do mesmo modo, a vontade criadora que fez impulsionar não só a energia organizada criadora (que surgiu da mente da divindade hoje caída conhecida como Brahma) como também a singularidade quântica que deu margem a criação de tudo o que conheceis a partir da Terra, quando da sua derrocada, Brahma trouxe consigo, na sua exuberante e singular força mental, a semente de todos os alicerces do que foi colapsado no princípio. O corpo que ele reconstruiu, para poder nele fazer residir a sua força mental que lhe define a personalidade, retém até esses tempos atuais os grilhões que o unem, ainda que no seu aspecto holográfico, ao que foi gerado nas duas principais faixas de realidade principais que compõem esta criação. Mais: a sua mente de Brahma se encontra ainda energeticamente vinculada à mente da divindade da qual ele é somente uma de suas expressões, e esta, apesar de “adoentada”, tem, também, o que resta da sua mente ligada às estruturas quânticas que dão sustentação à realidade universal que envolve a vida na Terra. Em outras palavras, para facilitar a compreensão, o que estou aqui classificando de holografia seria a representação do que existe com suas próprias dimensões na faixa de realidade subjacente, a que podemos chamar de “mundo real” em uma outra “faixa de realidade” especulativa, laboratorial, com um número maior de dimensões. Para além desta, outras se estabelecem como transitórias,

alicerçadas, todas elas, na única âncora imperecível que é a espiritualidade eterna.

— Brahma pode, portanto, sentir fúria, e muitas outras “esquisitices” como você aponta, mas não pode fazer implodir a sua força mental, e é exatamente isso que tememos, eu e Vishnu, em não contrariá-lo a ponto de que tal possa ocorrer. Por desagradável que isso possa parecer ao modo de pensar dos terráqueos, esta é a questão prioritária porque importa ao conjunto dos seres que hoje habitam no âmbito do que foi gerado e, realmente, o sofrimento dos demais, que compõem o contexto das criaturas ferramentas, somente pode ser considerado como o mais constrangedor dos aspectos por não poder ser ressaltado antes da situação de Brahma. Por isso que Vishnu ainda não cumpriu com a prometida volta de Jesus, o que terá o condão de religar todos os que vivem na Terra ao circuito da vivência cósmica, como você abordou com o conceito da reintegração cósmica. A volta de Jesus se dará no momento preciso em que Vishnu e Brahma se alinharem em torno das necessidades, dos aspectos da doença de Brahma e dos anjos que lhes são mais próximos, como também de certas “situações-limite” que marcam a sobrevivência da espécie humana terráquea, além da inevitável interação minha, de Vishnu e de outras divindades com toda essa situação. Algumas delas ou todas juntas são quem definirão os próximos movimentos a ocorrerem. Estes já estão planejados mas não definidos, pois dependem bem mais da postura pessoal de Brahma, no seu processo de humanização pessoal, do que de qualquer outra componente, por mais desagradável que isso possa parecer à lógica e a razão esclarecida dos terráqueos. Em outras palavras, Brahma e alguns dos seus anjos-clones de primeira hora, precisam estar alinhados em torno dos próximos acontecimentos que interferirão nas suas mentes, em especial na de Brahma já que a dele apoia e suporta a tudo mais. Contudo, não esqueça que até mesmo para mantê-lo atuante, os seus anjos foram obrigados a transferirem “algo ou muito do poder pessoal de Brahma” para as suas próprias mentes. Brahma concordou com isso até porque é a sua mente que comanda o “circuito mental” dos que lhe estão próximos. Entenda, ó terráqueo. Não podemos forçá-lo! E ele se apartou do fluxo da nossa coexistência enquanto divindades cocriadoras desde a sua queda. Ao longo do desenrolar das eras desta criação, tudo o que eu e Vishnu, dentre outros, pudemos fazer foi mergulhar também entre os seus anjos-clones para algo tentarmos fazer “de

dentro para fora” do que foi gerado, único modo de produzir o “progresso interno”. Com nossas almas encapsuladas em formas de anjos-clones e em outras classes de seres que desta se derivaram para poder conviver com Brahma, e nelas não tínhamos como “disputar” o contraditório tendo como base o convencimento intelectual. Isso nunca funcionou com Brahma! Depois do meu impasse é que pude me liberar para assumir a personalidade de Shiva, a que foi necessária ao contexto do que foi gerado. Vishnu realizou a sua estratégia, mas precisa ainda finalizá-la. Somente agora nos liberamos para assumir essas formas atuais e novamente procurarmos a coexistir com Brahma de algum modo, ainda que em faixas de realidade diferentes. Pelo menos agora elas têm um ponto de convergência o qual por enquanto é a sua pessoa, ó humano terráqueo. Entenda e assuma isso como sendo um fato. Por isso que a sua vida terrena foi “invadida” por tantos processos paralelos e desagradáveis, e feliz é você por ter conseguido se manter em paz, apesar do aparente “inferno” que o envolveu. Em resumo: não podemos mexer no “feixe programado” advindo originalmente da mente de Brahma, que é um dos alicerces deste universo. E essa transferência do potencial desse feixe deverá ocorrer de Brahma e dos seus filhos apoiadores para Vishnu de modo minimamente harmônico, e esse processo está prestes a ser concluído por força da entrada no nosso “jogo” do “modo de sentir e de pensar” dos terráqueos. Futuramente, isso será melhor compreendido, é o que esperamos. Por isso, enquanto “conversamos aqui” sobre temas “envelhecidos pelo tempo cósmico”, sabemos que o sofrimento e angústia grassam em todos os quadrantes desta criação. Mas, infelizmente, para que esta etapa seja ultrapassada, falta somente o ajuste final de alinhamento entre Brahma e Vishnu. Que cada um de nós, divindades outras e seres evolutivos, ajudem como puderem!

— Quer dizer que as mentes divinas fracassaram na arquitetura das soluções frente aos problemas por elas gerados. Produziram, então, outras criaturas (as inteligências evolutivas) para delas se servirem, na construção daquilo que elas próprias não conseguiram lograr fazer. E, no caso das criaturas evolutivas, a espécie humana terráquea é a que tem o DNA do corpo animal mais independente da mente do criador. Na verdade, nós podemos influenciá-lo mais do que ele pode fazer conosco, por ser a sua natureza destituída dos valores morais que foram semeados na cultura humana. Esta semeadura foi feita exatamente por vocês, quando das suas

romagens terrenas, personificando outros mestres que por lá passaram, ensinando aos homens e mulheres da Terra como eles podem progredir no campo moral, intelectual e espiritual. Assim, ajudam-se a si próprios enquanto contribuem com o progresso do criador que se encontra refém do progresso das criaturas evolutivas criadas a partir do seu DNA doente. – ponderei de minha parte.

— Sim. É exatamente isso e muito mais! – concluiu Shiva.

— Vocês se sentem justificados com toda essa história? Vocês criaram um problema, faliram no nível de personalidade em que se encontram para resolvê-lo, resolvem gerar outras criaturas para executarem o trabalho, delas se servem, as manipulam, não lhe dizem a verdade, tratam-nas como massa de manobra conforme os caprichos do padrão das personalidades demoníacas que ostentam, as enchem de medo, de pavor, tornam-nas em dependentes, exigem o sacrifício de todos, estão aqui discutindo e discutindo as mesmas coisas que parecem estão sendo discutidas há uns bons treze bilhões de anos, deixam-nos isolados lá na Terra e obscurecidos por todo tipo de ignorância, matando-nos uns aos outros ainda em torno das promessas e desígnios de Javé a povos prometidos que se alternam ao sabor da sua necessidade de cada milênio, não cumprem as promessas que fazem, e ainda se sentem justificados? É isso mesmo? – perguntei, algo indeciso.

— Sim! – afirmou Brahma com uma força cujo teor vibratório nada tinha de agradável.

— Eles sim, eu não! Que isso fique bem claro. Estou me deixando humanizar... Tudo escutei de Shiva para não atrapalhar o seu entendimento, ó terráqueo, mas não pense que concordo com tudo o que Shiva e Vishnu pensam. Eles se articularam contra mim desde o princípio, apesar de que compreendi terem feito isso para evitar um problema maior para todos nós. Mas já lhe expliquei que não sou um empecilho à reintegração da Terra, apenas que não quero dividir o comando com quem não posso confiar. Mas terei que fazê-lo pois já não domino o processo que de mim é emanado. Antes sempre pensei que dominava. Desde que lhe venci mas você não foi derrotado, o que não consigo entender, é que passei a aceitar que parte da realidade que gerei está fora do meu campo mental. Você uma vez me disse que eu parecia um ser em delírio, pois a minha conversa era desconexa. Claro, pois ainda estou me deixando humanizar pela sua lógica. Mas isso

não significa que eu esteja delirando... Mas, pouco importa. Como expressei antes, estou farto dessas querelas e ainda nem humanizei o modo de pensar que me caracteriza. Não confio mais em Vishnu e nos seus seres alinhados a ele; não confio em Shiva e nem muito menos nos que o seguem; não confio em outros seres que se dizem divinos; não confio em parte dos meus filhos dos tempos do princípio; todos eles tentam me convencer de alguma coisa apesar de terem sido meus instrumentos por todo esse tempo. Vocês já nasceram libertos do meu jugo, por isso maldisse a raça humana da Terra. Tentei dominá-la por todos os meios já que ela nasceu com liberdade e isso não me era aceitável. Apesar de ainda não humanizado estou acostumado, apesar de farto, com o comportamento dos humanos da Terra. Estranhamente, você que nada quer comigo, exatamente em você eu confio, por mais que isso lhe possa parecer estranho. Testei-lhe de todos os modos, você me desagradou em todas as oportunidades, mas, como lhe disse, estranhamente confio que me respeitarás ainda que não tenha eu lhe respeitado a sensibilidade, como me acusas permanentemente nas suas reflexões.

Seja lá qual fosse a parte de mim que ali estava, mas, repentinamente, comecei a me sentir com se em choque e rapidamente a

cadeira na qual me assentava começou a produzir uma fragrância que foi me acalmando apesar da preocupação que pude notar nos três.

Muito mais ainda foi conversado, entre eles e um pouco ainda com a minha participação. Não sei de devido ao “choque” motivado pela dose de estupefação quando a minha personalidade atual assimilou ou pensou assimilar as palavras de Brahma ou mesmo por outro motivo, mas aquele encontro pareceu acabar-se naquele exato instante.

Até o momento em que escrevo estas últimas linhas, tenho “refluxo” de memórias que povoam o meu psiquismo tanto do primeiro como do segundo encontro. Mas penso que o que consegui expor já é dose suficiente para a reflexão de quem se aventurar por estas páginas.

Quanto a mim, levo dessas vivências o que não queria: a “certeza” que tudo está ainda por ser feito e que cabe a esta humanidade uma cota de realizações que, no presente, melhor mesmo, talvez, seja sequer saber sobre

ela. Ao seu tempo, as gerações futuras deverão perceber em sua amplitude a questão que transcende por completo o nosso atual padrão de percepção.

Em pleno cansaço existencial, levo também a impressão de desafio, mesmo de encanto, pelo quanto ainda temos todos que caminhar e aprender, sem pretender pensar que já sabemos as verdades que ainda precisamos descortinar. São muitas ou, dito de outra forma, são muitos os aspectos de uma Verdade Maior que ainda precisamos compreender e assimilar.

O que até hoje conseguimos sistematizar por meio do conhecimento terreno, apesar de bastante vasto ser o padrão do conhecimento atual da humanidade, é nada frente ao que ainda precisa ser percebido. É muito instigante e penso que as religiões que se vulgarizaram no “troca-troca com seu deus de preferência”, que se utilizam do conceito que têm sobre deus para justificar a agressão e a violência comuns ao seu grau de ignorância, enfim, que pretendem dominar em vez de libertar, começarão a desaparecer na medida em que o convite ao progresso espiritual decente seja percebido pela humanidade.

Isso que vemos na Terra não tem nada a ver com progresso espiritual. É barbárie pura disfarçada de religiosidade barata e primária. Em verdade, um ser evoluído não precisa de religião, porque apoiado no seu próprio código filosófico de conduta, desde que esse esteja alinhado com o lado engrandecedor da vida.

Simplemente, será incompatível continuar a se viver de modo medíocre quando o convite imposto pelos fatos for exatamente o de se viver numa elevada condição de espiritualização pessoal, aspecto que, infelizmente, as religiões não têm lá conseguido dar exemplos significativos. É necessário, sim, que cada ser humano construa o seu modo de conduta superior, elevada, que terá que ser formulada e vivenciada para que, nessa postura pessoal, o processo de redenção coletiva universal possa se apoiar.

Encerro, portanto, o presente livro sem saber exatamente se o deveria ter um dia iniciado. Contudo, levar todo esse contexto para o “túmulo”, ainda que equivocado, parece-me atitude bem mais desagradável do que a de o ter produzido.

Assim, peço desculpas aos meus irmãos e irmãs de jornada terrena, mas não tive mesmo outra opção.

Table of Contents

[Apresentação](#)

[Prefácio](#)

[1 - 2007: O ano que não acabou](#)

[2- Estupefação](#)

[3 - O Comandante Comandado](#)

[4 - Recanto de Paz](#)

[5 - “Eu sou o que Sou”](#)

[6 - A Criação Problemática](#)

[7 - A Doença de um Ser Criador](#)

[8 - O Mais Estranho dos Efeitos](#)

[9 - Desencontro Intelectual](#)

[10 - Brahma, Vishnu e Shiva: Encontro Inesperado.](#)